

SA

CIÊNCIAS

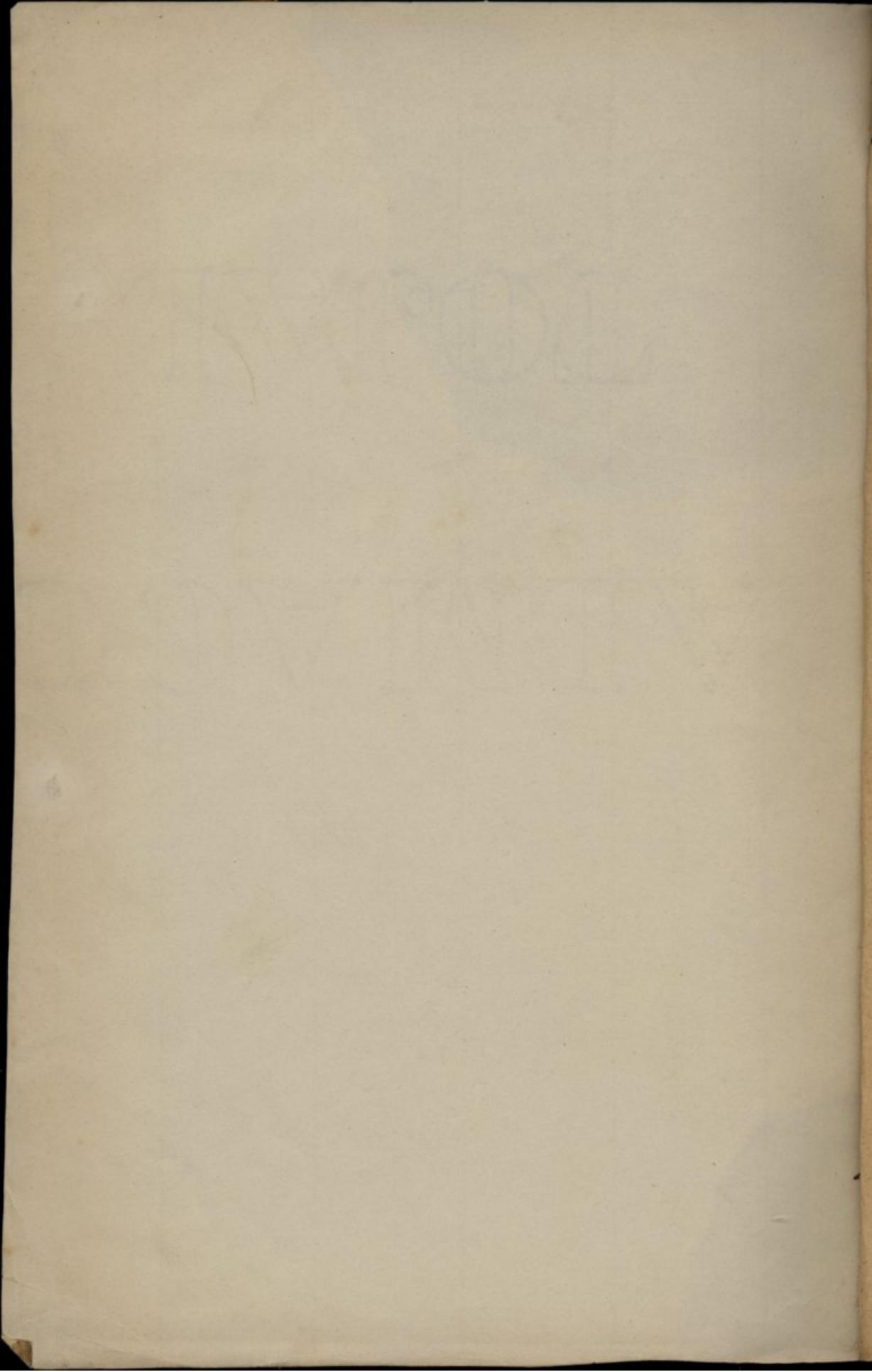
NGRESSO

NA CIDADE DO PORTO
DE 26 DE JUNHO A 1 DE JULHO DE 1921
JUNTAMENTE COM
O OITAVO CONGRESSO DA ASSOCIAÇÃO ESPANHOLA
PARA O PROGRESSO DAS SCIÊNCIAS

SESSÕES PLENÁRIAS

COIMBRA
IMPrensa DA UNIVERSIDADE

1922



5-
2
44

ASSOCIAÇÃO PORTUGUESA

PARA

O PROGRESSO DAS SCIÊNCIAS





ASSOCIAÇÃO PORTUGUESA

PARA

O PROGRESSO DAS SCIÊNCIAS

PRIMEIRO CONGRESSO

CELEBRADO NA CIDADE DO PÓRTO

DE 26 DE JUNHO A 1 DE JULHO DE 1921

JUNTAMENTE COM

O OITAVO CONGRESSO DA ASSOCIAÇÃO ESPANHOLA

PARA O PROGRESSO DAS SCIÊNCIAS

SESSÕES PLENÁRIAS

COIMBRA

IMPRESA DA UNIVERSIDADE

1922



CONGRESSO SCIENTÍFICO DO PORTO

NOTÍCIA PELO
SECRETÁRIO GERAL

O Congresso Científico que no Pôrto se realizou de 26 de Junho a 1 de Julho de 1921, reuniu intellectuais dos dois paízes peninsulares numa estreita e útil colaboração para o estudo das mais variadas questões científicas. Da importância transcendente duma tal colaboração é desnecessário falar, porque os trabalhos realizados a afirmam com a mais conclusiva eloquência. Em sumárias palavras se dirá apenas como surgiu a iniciativa dum tal Congresso e qual o modo como se deu execução ao seu programa de trabalhos e de festas. A actividade científica será objecto especial dos volumes relativos a cada uma das secções.

*
* *

O Congresso científico do Pôrto foi um Congresso mixto das Associações Espanhola e Portuguesa para o Progresso das Sciências.

A primeira destas Associações foi fundada há cerca de 16 anos pelo notável estadista D. Segismundo Moret, sendo seu fim principal celebrar Congressos de dois em dois anos em diferentes cidades. Até hoje realisou Congressos em Valência, Granada, Saragoça, Madrid, Valladolid, Sevilha e Bilbao, sendo o do Pôrto o oitavo da brilhante série. Os

seus presidentes tem sido sucessivamente Moret, Dato e Carracido.

A Associação Portuguesa para o Progresso das Ciências foi fundada em 1917 pelos reitores e directores das Universidades, Faculdades e outras escolas superiores, presidentes de Academias scientificas de Portugal, etc., por iniciativa do Dr. Costa Lobo, e o seu fim é também a celebração de Congressos em épocas indeterminadas. Foi escolhido para presidente o Sr. Dr. Gomes Teixeira. Depois de fundada a Associação, efectuou-se na sala da reitoria da Universidade de Coimbra uma reunião na qual foi encarregado de preparar o primeiro Congresso o Sr. Dr. Gomes Teixeira, que para isso recebeu plenos poderes. O primeiro acto do presidente da Associação foi comunicar ao presidente da Associação Espanhola a fundação da congénere portuguesa. Em resposta a esta comunicação, recebeu o Dr. Gomes Teixeira um officio de D. Eduardo Dato, no qual se exprimia o desejo de que entre as duas Associações se estabelecessem relações muito estreitas e de que, para comêço, os sábios portugueses concorressem ao Congresso de Sevilha a realizar no mesmo ano.

Efectivamente uma delegação de cêrca de 20 portugueses, sob a presidência do Sr. Dr. Gomes Teixeira, assistiu e tomou parte nesse Congresso, em que foi muito bem recebida e muito festejada. Na sessão final dêsse Congresso o presidente da delegação portuguesa, no discurso que então proferiu, convidou a Associação Espanhola a celebrar numa das cidades universitárias de Portugal um Congresso mixto com a Associação Portuguesa, falando largamente das vantagens duma tal aproximação intellectual.

A idea foi recebida com grandes aplausos, resolvendo-se porém não lhe dar realização sem terminar a guerra mundial, em que Portugal estava envolvido.

Seguiu-se em 1919 o Congresso de Bilbao, a que concor-

reram também, sob a mesma presidência, numerosos portugueses, e nele foi resolvido, no meio de vivo entusiasmo, que o 8.º Congresso da Associação Espanhola se celebrasse numa cidade portuguesa conjuntamente com o 1.º Congresso da Associação Portuguesa. Ainda nessa ocasião os congressistas portugueses apresentaram vários trabalhos originais e foram afectuosamente recebidos e muito saudados.

Para efeito da realização do Congresso em Portugal, D. Eduardo Dato e o Dr. Gomes Teixeira pediram ao Governo Português a necessária autorização e a indicação da sede do Congresso, acedendo o nosso Governo a tal solicitação e designando o Pôrto para sede dêsse Congresso, em atenção ao facto de ali residir o Dr. Gomes Teixeira, que imediatamente convidou porisso o professorado e os representantes das corporações e colectividades principais do Pôrto para uma reunião preparatória.

Nesta reunião expôs S. Ex.^a o plano da Associação Portuguesa e os fins do Congresso, historiando as razões determinantes da colaboração espanhola, e fez aprovar o regulamento do Congresso e eleger as suas Comissões organizadora, executiva, de secções, de festas, de recepção e de propaganda. O entusiasmo com que pelas numerosas individualidades presentes a uma tal assembleia foram acolhidas as propostas do Sr. Dr. Gomes Teixeira, deu logo a garantia de que não faltaria a cooperação de todos os elementos representativos da cidade nos trabalhos de organização do Congresso.

Êsses trabalhos começaram imediatamente, reinindo as várias comissões eleitas e tratando-se da propaganda do Congresso pela imprensa diária e por outros meios, do labor scientifico das secções, dos preparativos de festas e hospedagem dos congressistas de fora do Pôrto, etc. Foram dirigidos convites às Universidades, Escolas, Sociedades e Academias scientificas e literárias para se fazerem representar e

tomarem parte nos trabalhos. Dirigiram-se mesmo convites individuais a personalidades de mais alto relêvo no nosso meio culto, e a verdade é que a participação da Sciência portuguesa no Congresso foi de molde a gerais congratulações com os resultados obtidos.

Ao mesmo tempo que tais preparativos se iam fazendo, uma comissão, cujos membros mais assíduos foram os Srs. Drs. Gomes Teixeira e Bento Carqueja, dirigia-se às principais individualidades da indústria, da finança e do comércio da cidade, colhendo contribuições pecuniárias para a despesa a efectuar. Com um desvanecimento bairrista que não fica mal, registamos o acolhimento admirável que essas solicitações tiveram e que é a prova de que a cidade do Pôrto tem os mais belos elementos de exuberante vitalidade e a compreensão da importância de iniciativas da ordem desta. Não faltou também o auxilio dedicado de corporações e entidades, como a Câmara Municipal, a Associação Comercial, a imprensa diária, etc., não falando já nos esforços excelentes de muitos particulares e de todos os elementos universitários e doutras escolas, que naturalmente acompanharam com o maior interêsse a organização e os trabalhos do Congresso. A especialização dos serviços dedicadamente prestados é impossível, tantos fôram êsses serviços.

*
* *

No dia 26 de Junho, às 15 horas e meia, realisou-se no Teatro de S. João com a maior solenidade a sessão inaugural do Congresso. O aspecto da sala era deslumbrante. No vasto palco as autoridades, os corpos docentes, os organizadores do Congresso, representantes de colectividades, convidados, etc. sentavam-se em logares especiais, envergando

trajes de rigor, fardas, insígnias doutorais e condecorações. Na sala, completamente cheia, os congressistas espanhóis e portugueses acumulavam-se, dando uma nota de alegre vivacidade as *toilettes* claras das senhoras.

Presidiu à sessão S. Ex.^a o Sr. Presidente da República, que, com o Governo, viera expressamente ao Pôrto significar o interêsse dos altos poderes do Estado pelo Congresso, interêsse que de parte da Espanha também se manifestou com a vinda do Ex.^{mo} Ministro da Instrução Pública, Sr. D. Francisco Aparicio. À direita do Chefe do Estado português, sentaram-se os Srs. D. Francisco Aparicio, ministro da instrução de Espanha, D. José Carracido, presidente da Associação Espanhola para o progresso das sciências e reitor da Universidade de Madrid, Melo Barreto, ministro dos estrangeiros de Portugal, D. José Padilla, ministro de Espanha em Lisboa, Dr. Santos Silva, Presidente do Senado municipal, D. António Barbosa Leão, Bispo do Pôrto, general Tomás de Sousa Rosa, comandante da 3.^a divisão, e Dr. Marques Vidal, governador civil do Pôrto; à esquerda, Barros Queiroz, presidente do Ministério português, Dr. Gomes Teixeira, presidente da Associação Portuguesa para o progresso das sciências e reitor honorário da Universidade do Pôrto, Torres Quevêdo, vice-presidente da Associação Espanhola, general Arenás, general Marvá, Dr. Pedro José da Cunha, reitor da Universidade de Lisboa, e Dr. Machado Vilela, representante do reitor da Universidade de Coimbra.

Os discursos que se pronunciam nesta sessão são adiante publicados na íntegra. Todos os oradores foram calorosamente ovacionados, trocando-se entusiásticas saudações entre espanhóis e portugueses.

À noite realizou-se nos salões do jornal *O Primeiro de Janeiro*, com a assistência de S. Ex.^a o Sr. Presidente da República, do Ex.^{mo} Ministro da Instrução de Espanha, dos

membros do govêrno portuguez, Ministro da Espanha em Lisboa, presidentes do Congresso, autoridades civis e militares, muitos congressistas e muitas senhoras, a inauguração da Exposição de Arte Regional, iniciativa com que aquele diário portuense quis participar no Congresso. Foi uma festa brilhantíssima, e a Exposição, que continuou aberta ao público durante alguns dias, tinha numerosos e excelentes documentos da arte e indústrias locais.

No dia seguinte às 10 horas da manhã, instalaram-se na Universidade as secções, funcionando todas com grande concorrência de congressistas. As actas dos trabalhos respectivos constarão dos volumes referentes a cada uma delas.

Às 13 horas efectuou-se no Teatro de S. João um brilhante concerto promovido pela Universidade em honra dos congressistas espanhóis, estando o Teatro repleto e sendo aplaudidos calorosamente todos os amáveis e distintos colaboradores daquela festa, que foram as Ex.^{mas} Sr.^{as} D. Irene Gomes Teixeira, que tocou ao piano a sinfonia húngara de Liszt, com acompanhamento de orquestra, e D. Judit Lima, que cantou canções portuguezas, e os membros duma orquestra regida pelo Sr. Moreira de Sá e do Orfeon do Pôrto regido pelo Sr. Raul Casimiro.

Às 4 horas da tarde realizou no salão nobre da Faculdade de Medicina a sua conferência plenária sobre a « Intercultura de Portugal e Espanha no passado e no futuro » o Sr. Prof. Ricardo Jorge. Presidiu o Ex.^{mo} Ministro da Instrução de Espanha e o salão estava literalmente cheio, tendo sido o conferente aplaudidissimo.

No dia 28 de manhã continuaram activamente e com muita concorrência os trabalhos das secções, às 13 horas repetiu-se o concerto da véspera para um segundo turno de congressistas, e às 16 horas realizou no salão nobre da Faculdade de Medicina, sob a presidência do Sr. Dr. Gomes Teixeira, a sua con-

ferência sobre as «Relações espirituais de Portugal e Espanha» o sr. D. José Carracido, que foi muito aclamado pela numerosíssima assistência.

Às 21 horas, efectuou-se na sala holandesa do Palácio de Cristal o banquete oferecido pela Ex.^{ma} Câmara Municipal do Pôrto aos presidentes das Associações Espanhola e Portuguesa para o Progresso das Ciências. Iniciou os brindes o Sr. Dr. Santos Silva, presidente do Senado Municipal, saudando S. M. El-Rei de Espanha. O Ex.^{mo} Ministro da Instrução de Espanha agradece essa saúdação e saúda, a seu turno, S. Ex.^a o Sr. Presidente da República e o povo português. De novo o Sr. Presidente da Câmara Municipal usa da palavra, para saudar os Srs. D. José Carracido e Dr. Gomes Teixeira, que agradeceram, brindando à cidade do Pôrto, e no final discursou o Sr. Dr. Leonardo Coimbra.

Nessa mesma noite nos jardins do Palácio de Cristal realizou-se um magnífico festival em que tomaram parte muitas senhoras e cavalheiros da melhor sociedade portuense, havendo canções e dansas populares, que causaram grande entusiasmo na numerosa assistência.

Os trabalhos das secções prosseguiram na manhã de 29, sempre despertando o maior interêsse. À tarde os congressistas puderam ir ao Campo do Bessa assistir à inauguração e primeiras provas do Concurso Hípico Internacional, um dos números das festas do Congresso.

No dia 30 de manhã continuaram os trabalhos das diferentes secções. À tarde, no vasto hall da Associação Comercial do Pôrto, efectuou-se, por iniciativa desta colectividade, em honra dos membros do Congresso, um brilhante concerto. Às 16 horas, no salão nobre da Faculdade de Medicina realizou-se a conferência plenária do Sr. Prof. Egas Moniz, sob o título «O conflito sexual». Presidiu o Ex.^{mo} Ministro da Instrução de Portugal, Sr. Dr. Ginestal Machado, e o con-

ferente foi calorosamente aplaudido pela numerosa assembleia.

No dia 1 de Julho último dia do Congresso, houve ainda de manhã sessões das diferentes secções, congratulando-se todos com os trabalhos levados a cabo. Às 16 horas realizava-se no teatro de S. João, com solenidade, a sessão de encerramento. Presidiu o Ex.^{mo} Ministro da Instrução de Portugal, tendo à sua direita os Srs. D. José Carracido, presidente da Associação Espanhola, Dr. Santos Silva, presidente da Câmara Municipal, Dr. Pedro José da Cunha, reitor da Universidade de Lisboa, Bispos do Pôrto e de Leiria, Dr. Costa Lobo e D. Ricardo Garcia Mercet, secretário da Associação Espanhola, e à esquerda os Srs. Dr. Gomes Teixeira, presidente da Associação Portuguesa, Torres Quevêdo, vice-presidente da Associação Espanhola, Dr. Machado Vilela, representante do reitor da Universidade de Coimbra, Dr. Augusto Nobre, reitor da Universidade do Pôrto, Gascon y Marin e Dr. João de Barros, secretário geral do Ministério da Instrução.

É lido pelo Sr. Dr. Gomes Teixeira o seguinte telegrama:

« *Gomes Teixeira. — Pôrto. — A mi llegada a Madrid recibo amable mensaje que me dirige em nombre ese congreso científico. Al darle expresivas gracias por su atencion, que espero transmita a cuantos toman parte en importante asamblea, le envio mis afectuosos saludos, haciendo votos fervientes por exito de sus trabajos científicos. — (a.) Afonso, rei* ».

A leitura dêste documento provoca gerais aplausos e grandes aclamações ao Chefe de Estado Espanhol.

Falam em seguida diferentes oradores, cujos discursos, muito aplaudidos, são adiante publicados, bem como os votos finais aprovados.

Antes de se encerrar a sessão foi enviado a S. Ex.^a o Sr. Presidente da República êste telegrama:

«Ao terminar a sessão de encerramento do Congresso, tenho a subida honra de o saudar calorosamente em nome de todos os congressistas, exprimindo-lhe a nossa gratidão por se ter dignado honrá-lo com a sua presença. — (a.) *Gomes Teixeira*».

No final da sessão houve troca das mais quentes e entusiásticas saudações entre os congressistas dos dois países.

Às 9 horas da noite, no Grande Hotel do Porto efectuou-se um magnífico banquete oferecido pelo Govêrno espanhol e pela Associação Espanhola aos congressistas portugueses.

O Sr. D. José Carracido saudou S. Ex.^a o sr. Presidente da República como representante da nação portuguesa. O sr. Governador Civil do Pôrto brindou a S.S. M.M. Católicas, o Sr. Dr. Gomes Teixeira à Associação Espanhola, o Sr. Presidente da Camara Municipal à cidade de Madrid e respectivo «Ayuntamiento», englobando nesse brinde todas as cidades espanholas, o general da divisão Sr. Tomás de Sousa Rosa ao exército espanhol, o chefe do departamento marítimo Sr. Guilherme Howell à marinha espanhola, o secretário geral da Associação Portuguesa às senhoras espanholas, o Sr. Dr. Costa Lobo ao representante da Espanha em Portugal, e finalmente o Sr. D. José Carracido voltou a falar, agradecendo a todos.

Com esta festa brilhante se despediram do Pôrto os congressistas espanhóis, alguns dos quais seguiram ainda em excursão a Coimbra, onde foram carinhosamente recebidos pela cidade e pela Universidade, e a outros pontos do país.

Dois dias depois de terminado o Congresso recebeu o Presidente da Comissão organizadora do Ex.^{mo} Presidente da República o telegrama seguinte:

Ex.^{mo} Dr. Gomes Teixeira. — Agradeço sensibilizado as

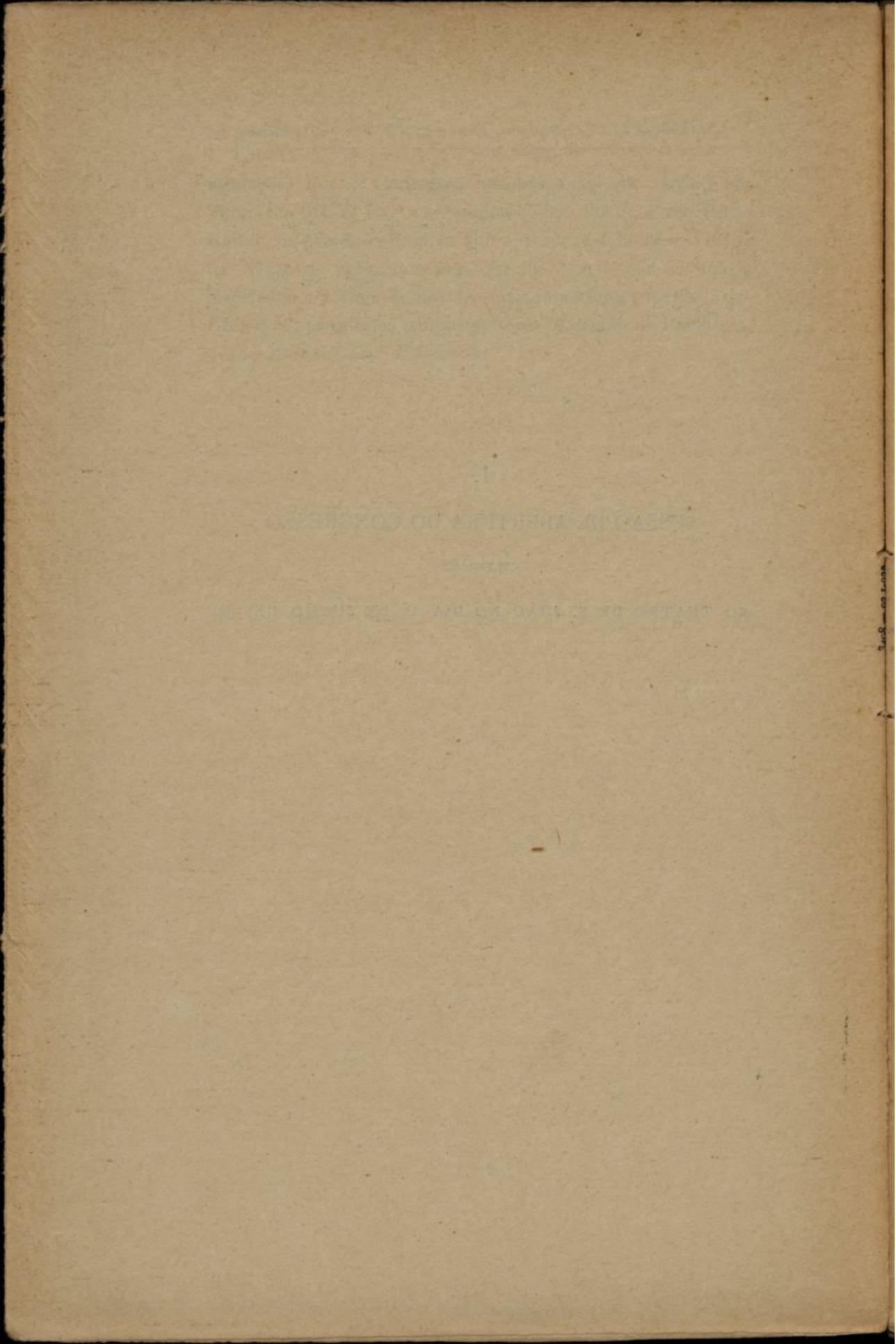
saudações que o Congresso luso-hespanhol me enviou por intermédio de V. Ex.^a e apresentando-lhe, illustre e venerando Reitor, os protestos do meu alto apreço, mando-lhe em nome da Nação os agradecimentos que lhe cabem por ter sido o inspirador e a alma de um dos mais importantes factos históricos que nos últimos tempos se têm praticado na Península.
— (a.) *António José d'Almeida.*

I.

SESSÃO DE ABERTURA DO CONGRESSO

CELEBRADA

NO TEATRO DE S. JOÃO NO DIA 26 DE JUNHO DE 1921



DISCURSO

DO

PRESIDENTE DO SENADO MUNICIPAL

DR. E. SANTOS SILVA

EX.^{mo} SENHOR PRESIDENTE DA REPÚBLICA:

EX.^{mos} SENHORES MINISTROS:

MINHAS SENHORAS:

MEUS SENHORES:

A sessão dêste Congresso scientifico não é facto que possa passar despercebido na vida de uma cidade como o Pôrto, enobrecida por notáveis tradições de amor à liberdade e ao trabalho, afirmadas em sacrificios nos quais se tem «excedido a si mesma».

A iniciativa da Associação Portuguesa para o Progresso das Sciências — tão gentilmente acolhida no Congresso de Sevilha — de reunir numa Assembleia luso-espanhola todos aqueles que nos dois países visinhos e amigos, devotadamente se consagram à sciência, foi coroada do mais brilhante êxito; e a honra dada a esta cidade, escolhendo-a para receber tão ilustres figuras, Ela a tomará como uma das mais subidas que lhe têm sido dispensadas.

A reunião dum congresso scientifico não interessa tão sòmente aos sábios que nele se juntam e nos seus conclaves discutem as questões que os apaixonam no seu labor quotidiano e neles estreitam, com laços de amizade, as relações de simpatia intelectual que já os uniam quando com anciedade se votavam ao estudo dum mesmo assunto. Não.

A vida social é o reflexo — e por sua vez neles influe — dos ideais que os homens do saber prescrutam, como devendo ser os orientadores da marcha para a perfeição, na vida das comu-

nidades: como tais, os ditames dos congressos científicos devem ser acarinhados com entusiasmo por todos aqueles a quem possam caber responsabilidades, consideradas mais directas, na administração e no governo dos povos.

Mas êste Congresso tem ainda um cunho especial que julgo oportuno referir. Na formação dum povo, o valor da raça é o seu elemento de maior fôrça e Portugal tem desde as suas origens documentação valiosa do seu proceder para com os seus irmãos peninsulares. Desde o Burgo Portucalense até à unidade da Pátria, a que o século xiv assistiu, são ricos de preciosa documentação os arquivos nacionais. A própria Câmara do Pôrto, senhora duma admirável herança dessa natureza, orgulha-se de possuir fontes, algumas delas inéditas, reveladoras como nenhuma outra, da vida, das aspirações e dos movimentos políticos dessas remotas eras.

Mais tarde, Portugal e Espanha, as gentes da Península, concorreram largamente, com o esforço genial das descobertas, para a civilização actual do mundo. Essa acção sinérgica rasgou à Humanidade novos horizontes e serviu para unir espiritualmente os dois países.

¿Porque não reviver essa vida intensa de trabalho, de forma a ordenarmos os nossos esforços para a comunhão dos homens no mesmo ideal de perfeição moral, proporcionando às suas actividades as alegrias sem par do eterno progresso?

A Assembleia Luso-Espanhola, que hoje tão brilhantemente inaugura os seus trabalhos, é um passo dado nessa senda. Mais um motivo para dela colhermos um grande ensinamento. Êste Congresso representa assim um acto diplomático de alta transcendência.

Exprimindo os votos desta invicta, nobre e sempre leal cidade do Pôrto, com agradecido reconhecimento, eu dirijo a todos os senhores congressistas, como presidente que tenho a honra de ser do Senado da Câmara Municipal, as mais respeitosas e mais amigas saudações.

DISCURSO

DO

PROF. LUÍS VIEGAS

EM NOME DA COMISSÃO ORGANIZADORA DO CONGRESSO

SENHOR PRESIDENTE DA REPÚBLICA:

MINHAS SENHORAS:

MEUS SENHORES:

A comissão organizadora dêste Congresso delegou em mim o honroso encargo de saudar em seu nome os Congressistas espanhóis.

Pela primeira vez na minha vida, Senhor Presidente, tenho pena de não ser orador.

Neste momento, era preciso que a minha palavra fôsse como a de Emilio Castelar, clara na exposição, incisiva no argumento, sublime no conceito, arrebatadora pela elegância, convincente pela lógica. Queria que ela tivesse o poder de traduzir o que penso com tão vivas côres, que o quadro saísse tão perfeito como as telas dos imortais artistas que ciosamente se guardam nos Museus de Madrid. Queria que ela soubesse modelar a estatua da nossa admiração pela Espanha, como saem perfeitas as obras dos grandes estatuários castelhanos. Queria que ela fosse melodiosa como os cantares galegos, enérgica como a energia ingénita dos iberos, altiva como a nobre altivez do Campeador.

Queria... ¿e para que queria eu tudo isto? ¿Para satisfação de pueril vaidade de amor próprio hipertrofiado?

Seria ridículo por descabido. Não, meus senhores. De todas essas qualidades carecia a minha palavra para fazer-se ouvir dignamente no momento histórico que atravessamos.

SENHOR PRESIDENTE:

Há nos fastos da ciência, como nos fastos das Nações, momentos de incomensurável transcendência. Momentos em que se passam factos cuja importância futura se suspeita, mas se não sabe avaliar com exactidão. Momentos que marcam o início de uma era nova, o alvorecer de uma orientação diversa da seguida, o trilhar de um caminho até então desconhecido.

Nem sempre, senhores, a importância dum fenómeno social é compreendida pelos interessados. Há acontecimentos que, parecendo banais, a nossa inteligência não lhes alcança o significado e as conseqüências futuras. E o momento histórico, o momento de capital importância, passa despercebido e só muito tarde é pôsto em evidência e se lhe fixa o valor exacto. A história da humanidade fornece múltiplos exemplares desta asserção.

Compreendeu a Comissão, que me honro de representar aqui, que o momento, que passa, marca uma era nova na história da Ciência Peninsular. Entre Portugal e Espanha, países vizinhos, de povos irmãos, o inter-câmbio scientifico tem sido tão pequeno que pareceria estarmos afastados por milhares de quilómetros ou que uma barreira funda e difficil de transpor nos separava. Mas hoje, senhores, a distância encurtou-se, a barreira transpoz-se.

Pela primeira vez, se reúnem oficialmente os cientistas dos dois países em um Congresso único, na mais fraterna unidade scientifica, trazidos pelas mesmas aspirações que não se chocam, pelos mesmos interesses que se não degladiam. ¿E quem faz este milagre augusto, quem aproxima os Homens das mais diversas raças e das mais distintas nacionalidades na mesma ambição de glória, nas mesmas aspirações de grandeza, grandeza que não humilha os outros porque é para o bem de todos?

Quem faz isto, senhores, é a ciência; e só a ciência, que visa ao bem da Humanidade, salta as fronteiras, invade os países e é sempre bemvinda porque a sua missão é santa e traz como emblema a paz e o progresso; a paz necessária ao trabalho, o progresso necessário ao bem estar social.

A ciência, laço sagrado que une os homens sem distinção

de nascimento, que eleva à maior grandeza os de origem mais humilde.

A ciência que fez tudo quanto há de grande na produção do génio humano, que vitrificou a areia, que solidificou os gases, volatilizou os sólidos, que traçou a órbita dos astros e lhes calculou o pêso, que uniu os mares por canais e desviou o curso dos rios; a ciência, que leva o homem pelos espaços mais altos do que a águia e mais rápido que o açor e o faz descer às profundezas dos oceanos como se pertencesse à fauna abissal; a ciência que inventou o telescópio para que se pudessem ver os infinitamente grandes e o microscópio para descobrir infinitamente pequenos, que por fios ou sem fios leva o nosso pensar a continentes distantes e sem cabos pretende levar ao longe a energia eléctrica; a ciência que fez tudo isto, que é uma quasi onipotência humana, faz ainda mais no campo psíquico e moral porque aproxima os homens que razões de vária ordem separam e os une por um amor desinteressado no sagrado objectivo de serem úteis à colectividade humana.

O cientista não tem o lucro como única finalidade do seu trabalho. Outras razões o determinam, mais elevado objectivo o impulsiona. Esse objectivo é a descoberta da verdade, é a satisfação ao desejo inato de desvendar o ignoto que nos cerca, o ignoto que é o acicate da curiosidade, o revelador da nossa ignorância, o espesinhador do nosso orgulho. O homem de ciência sente-se feliz em descobrir a razão das coisas e a condicionalidade dos fenómenos, em pôr em evidência a verdade oculta pelo negrume da ignorância. Não o seduz o lucro, atrai-o a glória.

Newton, quando mirava os astros para tirar as leis da gravitação universal, não procurava neles o oiro que o opulentasse, mas encontrou neles a eterna glória do seu nome.

A verdade, mística fada que nos seduz e para a qual nossa alma caminha sem desfalecimento; a verdade, arnez do espírito que nada amolga, convicção que leva aos maiores sacrificios ou ela se encarne na crença que deu aos mártires do cristianismo o alento perante as maiores torturas, ou se encarne na ciência para fazer bradar a Galileu, segundo reza a lenda, a frase imortal *e pur si muove*.

É a verdade científica que hoje nos reúne aqui. Vós, Congressistas espanhóis, vindes trazer-nos as verdades descobertas pelos vossos trabalhos e ouvir as que o nosso estudo radicou. Por isso, sêde bem vindos, Mensageiros da Verdade.

Mas a primeira homenagem que rendidamente presto em nome da Comissão Organizadora do Congresso, é ao Presidente Honorário da Associação Espanhola para o progresso das Ciências, Sua Magestade El-Rei o sr. D. Afonso XIII, cuja alta figura moral se impoz ao mundo durante a tremenda guerra em que a sua acção bemfazeja tocou todos os corações bem formados. Demais, devem-lhe todos os portugueses que assistiram ao Congresso em Espanha, a que Sua Magestade se digna sempre presidir, palavras de entranhado affecto para êles e para o nosso País e que por virem de tão alto mais sensibilizam o nosso coração de portugueses.

A seguir, cumpre-me agradecer, em nome da mesma Comissão, ao Governo espanhol que nos honrou, enviando a representá-lo, neste Congresso, um dos seus membros mais ilustres, Sua Excelência o Senhor Ministro da Instrução. Queira Sua Excelência ser o intérprete perante o Gabinete de Madrid do sincero agradecimento da Comissão que a êle junta as suas respeitosas homenagens.

Apesar desta festa ser de congratulação ela tem de consentir que frases de amargura saiam dos meus lábios em homenagem à memória do grande estadista e penúltimo presidente da Associação Espanhola para o progresso das Ciências, o Sr. D. Eduardo Dato.

Se um terrível successo o não tivesse riscado do número dos vivos, estaria hoje aqui comnosco, êle que devotado à sua Pátria e estimando sinceramente a nossa, queria vê-las unidas pelos laços scientificos, únicos laços que em pé de igualdade unem os povos livres.

Grande estadista, do número de aqueles que levaram a Espanha ao alto lugar que ocupa no concerto das potências, sabia que as Nações se governam com sciência, que as sciências são o sistêma nervoso das sociedades, que lhes dão o influxo, que lhes regularizam a nutrição, que lhes regem a vida. Por isso Sua Excelência era um devotado apóstolo do

progresso das sciências. Tenho a impressão de que D. Eduardo Dato realizava a definição de Cícero — eloqüente e honesto — eloqüente para convencer, honesto para governar.

Felizmente sucedeu-lhe na presidência da ilustre Associação o Reitor da Universidade de Madrid, o sr. D. José Carracido, um dos mais gloriosos nomes da sciência espanhola, um amigo de Portugal a quem os cientistas portugueses veneram e eu saúdo com a maior efusão.

E agora vós, Congressistas, que de todas as províncias de Espanha viestes em romagem científica à terra que me viu nascer, permiti-me que vos fale como a iguais, que vos diga do carinhoso affecto que vos tributo, da admiração que tenho pela vossa Pátria e do prazer que sinto vendo-vos adentro dos muros da cidade invicta.

A escolha do Pôrto para o primeiro Congresso hispano-lusitano tem uma alta significação. O Pôrto, cidade que agora habitais, foi o burgo que deu o nome à nossa nacionalidade que tem oito séculos de existência. Das oito letras que tem o nome da minha Pátria, quatro pertencem a esta terra, o que quasi quer dizer que o Pôrto é metade de Portugal. E é-o na realidade pela glória das suas tradições, pelo cego patriotismo dos seus habitantes que marcam na história portuguesa quasi metade dos seus feitos valorosos. E as cidades, como as Nações, vivem do passado e do presente com os olhos postos no futuro. Porque o passado é a honra com que se enobrecem, o presente, o trabalho com que se nobilitam e mercê do qual preparam o futuro que as dignifique.

Permita-se a quem se orgulha de ser portuense e português, a quem tem pela sua Pátria o férvido amor de filho, que se desvaneça com a grandeza do seu passado e viva na perene adoração das suas glórias. Mas êste amor que vai à idolatria não me cega a ponto de não ver na Nação irmã similar ou superior grandeza e de notar que as condições geográficas e étnicas nos determinaram idêntico destino. A descoberta, por exemplo, de novos mundos coube-nos a nós, os peninsulares. Na amurada das respectivas naus, espanhóis e portugueses pesquisaram com anciedade na vestidão dos mares e nos horizontes longínquos o negrejar indeciso de terras desconhecidas.

Espanhóis e portugueses colonizaram êsses mundos des-

cobertos e do seu esforço surgiram nacionalidades, agora independentes e poderosas, que são o legítimo orgulho das Pátrias mães.

Espanhóis e portugueses, na idade média, embalados pela mesma crença, animados pela mesma fé, empunharam a espada e com ela plantaram a cruz de Cristo onde imperava o crescente do Islam.

Espanhóis e portugueses animados por amor patriótico, uns nos plainos de Saragoça, outros na serra do Bussaco, bateram com triunfal denodo o inimigo comum e varreram da península o invasor.

A História marcou-nos idênticos destinos, a nós filhos todos da abençoada península ibérica. Do mesmo solo, surgiram duas nacionalidades que são duas individualidades distintas, com fisionomias diversas, como dois filhos da mesma mãe que apesar do ar de família que apresentam se distiguem um do outro. Une-os o mesmo amor materno mas separam-os todos os outros amores. Resta apenas um que é a consequência do primeiro, o amor fraterno. É êsse que me faz saudar-vos com enternecido affecto, é a grandeza da vossa Pátria à qual presto homenagem da minha admiração, são as qualidades de intelligência e nobreza do Povo espanhol que eu prezo, que me fazem soltar do peito o sincero grito de «Viva a Espanha»

DISCURSO

DO

REITOR DA UNIVERSIDADE DE LISBOA

PROF. PEDRO JOSÉ DA CUNHA

Estamos assistindo ao desenrolar de acontecimentos, que nos preparam um mundo novo, separado do mundo antigo por um verdadeiro abismo. Aos horrores da grande guerra vieram juntar-se as dificuldades duma paz laboriosa, que ainda não se pode dizer assegurada, e as revoluções e conflitos sangrentos, que, com maior ou menor amplitude, rebentam por toda a parte.

Relacionando-se com estes sucessos depararam-se me no último número de *Les Annales* dois fragmentos de filosofia política do Dr. Gustave Le Bon, que julgo de palpitante interesse.

Reconhecendo que a força há de sempre dominar no mundo e que nenhum direito poderá subsistir sem nela se apoiar, nota Gustave Le Bon que a evolução das ideias parece confiar às forças morais o domínio das forças materiais. Por outro lado, lembrando o que dizia Platão, que todos os progressos do espírito humano são devidos à aristocracia da inteligência, aponta o grave erro que cometeu Lenine legislando em oposição a esta doutrina. O célebre ditador russo dividiu os homens em quatro categorias, colocando na mais elevada os operários e na última os intelectuais. A rápida ruína da Rússia, o estado miserando a que chegou esse vasto país, que continha em si tantos elementos de prosperidade, mostram a toda a luz as consequências da classificação de Lenine.

O fracasso das ideias deste reformador põe outra vez em foco a doutrina de Platão. Impõe-se, portanto, que os intelectuais tomem a iniciativa duma campanha de ressurgimento

que, sôbre os escombros dum mundo que desaparece, edifique, para as gerações vindouras, um mundo melhor. Para isso a primeira condição é, evidentemente, êles conhecerem-se e unirem-se, e êste conhecimento e esta união hão de cimentar-se, não só entre os intelectuais do mesmo país, como também entre os das nações que tenham entre si maior número de afinidades e de interêsses comuns, e isto enquanto não puderem estender-se aos intelectuais do mundo inteiro.

Para essa necessária aproximação muito podem contribuir os congressos científicos. Pode mesmo dizer-se que é essa a sua principal vantagem.

Sendo curto o espaço de tempo que se pode consagrar às sessões de trabalho, e preenchendo-se os intervalos das mesmas sessões com as solenidades, diversões e visitas que são o apanágio duma franca e carinhosa hospitalidade, não são manifestamente os congressos científicos os organismos mais adequados à produção de sciência, que requiere aplicação e recolhimento.

A sua eficácia está nas relações que permitem estabelecer entre os cultores da mesma sciência, início duma troca de ideas, e até duma colaboração, de que podem provir os mais benéficos resultados. Está na vulgarização dos trabalhos dos congressistas, e no incitamento que isso representa para a continuação das suas investigações por saberem que é maior o número daqueles que as conhecem e apreciam. Está ainda na possibilidade da organização metódica de trabalhos que investigadores isolados nunca poderiam realizar.

É natural que estas vantagens se acentuem tanto mais quanto mais vasto fôr o campo de inscrição dos congressistas; mas o que não oferece dúvida é que as condições de êxito dum congresso atingem o máximo quando os congressistas se recrutam em duas nações amigas, como Portugal e Espanha, que, pela sua contigüidade territorial, têm histórias que se encadeiam e interêsses económicos que se harmonizam e conjugam. Compreende-se, pois, a satisfação e o interêsse com que os intelectuais portugueses se inteiraram da fidalga gentileza de que usaram para com êles os seus confrades espanhóis, aceitando a sua modesta colaboração nestes certames científicos; o aplauso e entusiasmo com que se asso-

ciaram ao convite que o nosso eminente sábio, Sr. Dr. Gomes Teixeira, fez em Sevilha, em 1917, para que um dos congressos seguintes se realizasse em Portugal; e o seu enternecido reconhecimento para com a Associação Espanhola para o progresso das sciências, pela forma cativante por que se dignou aceitar êsse convite, bem evidenciada com a sua numerosa e escolhida representação neste congresso, em que vemos com prazer tomarem parte tantos homens dos mais eminentes do país visinho.

Uma nuvem, apenas, ensombra a nossa alegria. É o já não podermos ver entre nós o antigo Presidente da Associação Espanhola, D. Eduardo Dato, o insigne estadista e não menos insigne homem de sciência, que um crime odioso vitimou, na plenitude da fôrça e do talento. A sua morte prematura representa uma grande perda para a Espanha, Portugal, todavia, também a sentiu, porque tem a consciência de em D. Eduardo Dato ter perdido um amigo sincero e dedicado. Mas... *le Roi est mort, vive le Roi!*

Na cátedra de Presidente da Associação Espanhola para o progresso das sciências, que o Sr. Dato ocupou com tanto prestígio e devoção, senta-se hoje o Sr. D. José Carracido, que temos o orgulho e a satisfação de contar no número dos nossos hóspedes mais ilustres. A sua eleição, se foi grata para a Espanha, por se tratar duma verdadeira glória nacional, exuberantemente afirmada como homem de sciência, professor, orador e publicista, não foi menos grata para Portugal, por ter recaído numa individualidade que tanto tem exteriorizado os seus sentimentos de simpatia e consideração pelo nosso país. Ouviram muitos dos presentes as suas amáveis referências a Portugal nos brilhantes discursos que pronunciou nos congressos de Sevilha e de Bilbao; por minha parte posso testemunhar que um dos primeiros actos que o Sr. D. José Carracido praticou, ao ser nomeado Reitor da Universidade de Madrid, foi cumprimentar as Universidades portuguesas, mostrando-lhes o seu fervoroso desejo de, como velho amigo de Portugal, contribuir para o estreitamento das relações entre as duas nações peninsulares.



É hoje um facto bem assente que a época dos grandes descobrimentos, que constituem uma glória imarcessível da Espanha e de Portugal, coincidiu com um período de largo desenvolvimento científico em ambas estas nações. Todas as sciências, como a Astronomia, cujo conhecimento mais importava à navegação e aos descobrimentos, contavam na península numerosos cultores, e, entre êles, verdadeiros sábios. São mais de cincoenta as obras scientificas, devidas a autores espanhóis e portuguezes, que o Sr. Joaquim Bensaúde menciona no seu valioso trabalho sôbre *L'Astronomie nautique au Portugal à l'époque des grandes découvertes*, muitas das quais foram traduzidas noutras línguas. Mas o que é digno de nota é que, sendo natural que se produzisse nessa época, entre os dois povos da península, uma decidida rivalidade, pela coincidência dos objectivos nacionais, pela analogia das suas aspirações de expansão e predomínio, isso não impediu que fôsem estreitíssimas as relações literárias e scientificas então existentes entre os dois países, mórmente no último quartel do século xv e na primeira metade do século xvi.

O nosso illustre matemático, Sr. Dr. Gomes Teixeira, que acaba de deliciar-nos, descrevendo-nos na sua linguagem ataviada a colaboração de espanhóis e portuguezes nas grandes viagens dêsses séculos e em especial na de Fernão de Magalhães, já aproveitou o ensejo de pôr em relêvo esta intimidade de relações scientificas, que outrora reinou entre os dois povos, quando usou da palavra nos congressos de Sevilha e de Bilbao. E aludindo ao facto lamentável de essas relações terem depois afrouxado e quasi desaparecido, manifestou a sua fé em que a ligação das duas Associações para o progresso das Sciências, a Espanhola e a Portuguesa, há de concorrer para que se reatem êsses laços que intimamente uniam as sciências dos dois povos, quando ambos enchiam com as suas façanhas as páginas da história.

Abrazado na mesma fé, tenho a honra de apresentar aos illustres congressistas espanhóis, em nome da Universidade de

Lisboa, as nossas saudações de boas vindas, e de lhes agradecer a gentileza com que se prestaram a deixar preso numa cidade de Portugal um dos elos dessa brilhante cadeia de congressos, que tanto veem contribuindo para a difusão e o rápido desenvolvimento das sciências entre os nossos visinhos.

E permitam-me ainda que, antes de terminar, eu saude, certo de interpretar os sentimentos de todos os congressistas portugueses, o venerando fundador da Associação Portuguesa para o Avanço das Sciências, a cujo patriotismo, tenacidade e inquebrantável dedicação se deve a realização dêste congresso em Portugal. Êste dia é seguramente um dos mais gloriosos para o Sr. Dr. Gomes Teixeira, porque representa mais uma vitória, amorosamente apeteçada e laboriosamente ganha, na sua vida exemplar de homem de sciência e homem de coração, tão cheia de triunfos e de nobres ensinamentos.

E porei têrmo a esta singela alocução formulando os mais ardentes votos para que a fôrça de vontade, a fé e o entusiasmo de S. Ex.^a se comuniquem a todos nós. Nada mais, nem tanto até será necessário, para que o êxito do congresso vá além das previsões mais optimistas.

DISCURSO

DO

DELEGADO DO GOVÊRNO FRANCÊS E DA ASSOCIAÇÃO FRANCESA
PARA O PROGRESSO DAS SCIÊNCIAS,
M. A. CHERVIN⁽¹⁾

Monsieur le Président de la République.

Sur la demande du Gouvernement portugais, le Gouvernement français a décidé de se faire représenter officiellement, au Congrès de Porto.

Monsieur Briand a saisi, avec empressement, l'occasion qui lui était offerte de renouveler au Gouvernement et au peuple portugais, ami et allié, l'assurance des sentiments de très haute estime et sincère amitié que la France professe pour votre noble pays. Vous n'avez certainement pas oublié que, le 9 Mai dernier, M. le Maréchal Joffre, avec sa grande autorité, vous a apporté la vivante affirmation de nos sentiments, en même temps qu'il rendait un hommage ému aux Soldats héroïques de la Lys.

Le Gouvernement français a été, également, très heureux de la circonstance qui lui permettait de témoigner, aux deux grandes Associations réunies ici, le vif intérêt que lui inspire cette assemblée de savants si distingués.

Je suis particulièrement flatté d'avoir été choisi par Monsieur le Ministre de l'Instruction publique pour cette agréable mission.

(1) Por ter adoecido gravemente ao passar em Salamanca, onde ficou retido, M. Chervin enviou o texto do seu discurso, que foi lido pelo secretário geral do Congresso, Prof. Mendes Corrêa.

MONSIEUR LE PRÉSIDENT DE L'ASSOCIATION PORTUGAISE,
MONSIEUR LE PRÉSIDENT DE L'ASSOCIATION ESPAGNOLE,
MESDAMES, MESSIEURS, CHERS COLLÈGUES,

L'Association française pour l'avancement des sciences m'a fait l'honneur, une fois encore, de me déléguer dans les assemblées scientifiques qui se tiennent dans la péninsule.

C'est un double plaisir pour moi de trouver réunies, dans cette belle Ville de Porto, les deux Associations Ibériques qui se sont consacrées au progrès des sciences sous la présidence de deux éminents savants : le grand chimiste D. José Rodriguez Carracido, Recteur de l'Université de Madrid, et le grand mathématicien Dr. Francisco Gomes Teixeira, Recteur honoraire de l'Université de Porto.

Nos amis espagnols ont été durement frappés par la mort de leurs présidents. Après Moret, Echegaray, puis Dato, ce dernier dans des conditions si affreusement tragiques qu'elles ont ému le monde entier et ont rendu sa mémoire plus chère encore à ceux qui ont eu le bonheur de le connaître.

C'est une pensée consolante que l'œuvre de l'Association espagnole n'a pas été interrompue par ces deuils précipités. L'homme cherche en vain le repos ; il n'est dans le fleuve de la vie aucun endroit où l'on puisse jeter l'ancre.

Comme les coureurs antiques du poète, ceux qui sont tombés dans l'action ont transmis le flambeau sacré de la vérité et de la science aux plus dignes de leurs survivants. La science, qui seule est immortelle, poursuit, sans arrêt, sa marche ascendante vers des sommets toujours plus élevés. Nul, plus que mon illustre ami le Prof. Carracido, n'était qualifié pour conduire à ses brillantes destinées l'Association espagnole.

Je le salue avec vous, et je lui adresse mes félicitations les plus cordiales.

Je remercie l'Université de Porto qui, après accord avec les autres universités portugaises, a bien voulu nous ménager un accueil si brillant.

Il me sera peut-être permis de rappeler que les relations

universitaires entre le Portugal et la France, datent au moins du xvi^e Siècle.

On sait que le grand roi Manuel avait envoyé un certain nombre de jeunes gens faire leurs études en France; de ce nombre, se trouvait André de Gouvea qui devint, plus tard le Principal du Collège de Guienne à Bordeaux. Jean III voulant créer une université sur le modèle de celle de Paris, rappela Gouvea et le chargea de réformer l'Université de Coimbra. Il revint avec quelques Français qui avaient professé avec lui à Paris et à Bordeaux parmi lesquels se trouvait le savant Nicolas de Grouchy (né en Normandie, aux environs de Rouen) qui fit la première traduction française de la célèbre Histoire des Indes de Fernandes Lopes de Castanheda.

Vous voyez, Messieurs, qu'à quatre siècles de distance, nous ne faisons que continuer l'œuvre entreprise par nos devanciers.

Je suis heureux de vous apporter, à vous tous, mes chers Collègues, le salut amical de l'Association française. Les mathématiciens qui en font parti m'ont demandé de présenter personnellement à notre Cher président M. Gomes Teixeira leurs hommages empressés.

Ils m'ont chargé d'exprimer leurs vifs regrets que leurs obligations universitaires (cours et examens), encore en plein exercice, ne leur aient pas permis de venir saluer eux-mêmes leur savant Collègue portugais dont les belles études de mathématiques sont très connues et très appréciés.

Notre Association française vient d'entrer dans sa 50^e Année; c'est un bel âge pour une oeuvre d'initiative privée.

Il est bon de mettre en lumière l'originalité de nos Associations auxquelles participent, en même temps que l'éminents professeurs des Universités, des hommes engagés dans des fonctions actives aux prises avec les réalités de la vie et pouvant apporter l'aliment précieux de leur expérience directe des choses du commerce et de l'industrie.

C'est là, le privilège dont jouissent les institutions entièrement libres dans le choix de leurs études comme le sont les nôtres et assez souples pour s'adapter aux besoins toujours nouveaux des générations qui se succèdent.

C'est en 1872, qu'un groupe important de savants, parmi

lesquels je citerai le maître physiologiste Claude Bernard, les anthropologistes Broca et De Quatrefages, l'économiste et géographe Emile Levasseur, les chimistes Pasteur, Berthelot, Wurtz etc., s'unirent pour jeter les bases de notre Association. Nous honorons le mémoire de tous ceux qui furent les fondateurs de notre œuvre et les artisans de sa grandeur.

Leur but était de rassembler toutes les forces vives de la France, de réunir, en un faisceau, les hommes d'étude qui ont trop souvent de tort de vivre isolés; de les fortifier par le contact, afin que de ce contact naquît la lumière; de créer entre des hommes que l'espace sépare, mais que doit rapprocher naturellement la communauté d'études, des liens, qui une fois formés, durent ensuite, malgré la distance, et sont profitables aux progrès de la science. Ils se proposaient, également, de faire naître, dans les centres où se tiennent les Congrès, une féconde agitation scientifique.

Ils se mirent résolument à l'oeuvre.

Notre premier congrès eut lieu à Bordeaux en 1872 et nous eûmes la satisfaction d'y avoir des représentants de la péninsule. C'était d'abord le Chevalier J. da Silva, le grand architecte portugais, qui vint communiquer ses projets pour l'assainissement de la Ville de Lisbonne par la construction d'un important réseau d'égouts. C'était également deux savants espagnols, le Docteur Rubio qui fit une communication, jusque là inédite, sur « *Une terminaison spéciale des nerfs* » et le Dr. Tubino qui fit connaître ses recherches sur « *L'époque préhistorique en Espagne* ».

Depuis cette date, déjà lointaine, notre Association a siégé dans toutes les villes importantes, partout où son action bien-faisante pouvait s'exercer avec succès.

Elle a eu la satisfaction de grouper des milliers d'adhérents dans toutes les catégories sociales et de susciter de généreux Mécènes qui nous ont légué une soixantaine de mille Francs de rente, ce qui nous permet d'encourager chaque année de nombreuses recherches et de fournir des subventions à des savants qui nous ont largement indemnisés de nos encouragements par des travaux remarquables.

Le but que nos aînés s'étaient proposé est largement atteint.

Il nous enseigne la mystérieuse solidarité qui fait de nous les héritiers du passé et les garants de l'avenir.

La route nous est tracée, nous n'avons plus qu'à la suivre.

Ces cinquante années feront, somme toute, une assez belle figure dans l'histoire scientifique de mon pays et notre Association y aura certainement une place honorable.

Je fais des vœux pour qu'il en soit de même pour vos deux Associations. Déjà, l'Association Espagnole a remporté des succès magnifiques. Les 7 Congrès qu'elle a réunis ont déterminé un courant scientifique très remarquable dans toute l'Espagne et, notamment, dans les Villes où elle a tenu des Assemblées. Il n'est pas douteux que le Congrès de Porto déterminera en Portugal un renouveau des études scientifiques et amènera des recrues précieuses. Il ne faut pas oublier qu'à valeur égale, il est clair que la production est moindre là où les travailleurs sont moins nombreux; multiplier ceux-ci, c'est accroître la force scientifique. Oui, messieurs, remuons, fouillons, toutes les intelligences; à coup sûr, nous mettrons au jour des trésors qui, sans nos Associations, seraient peut-être restés enfouis improductifs dans la gangue de l'ignorance.

Il faut donc, sans se lasser, travailler et faire une propagande intense, pour attirer à nous les adhésions. Assurément, tous les citoyens ne peuvent se ranger sous les bannières de la science militante; tous ne sauraient devenir des savants de profession. Mais, tous peuvent et doivent avoir des notions scientifiques suffisantes pour comprendre l'utilité de l'intervention des hommes de science et les aider de leurs ressources, de leurs dons, pour leur permettre de réaliser leurs travaux. C'est le but de nos Associations de grouper toutes les forces éparses.

De nos jours, plus que jamais, la grandeur des États ne se mesure pas à l'étendue du territoire, au chiffre des habitants; la lutte pour la vie n'a pas lieu seulement dans les champs de guerre. De nos jours, plus que jamais, le domaine de l'intelligence, le terrain de la science ont aussi leurs batailles, leurs victoires, leurs lauriers qui ne coûtent de larmes à personne.

Le travailleur scientifique est donc aussi un Soldat. Quelque minime que soit sa part de gloire, elle lui revient

tout entière; il éprouve les saintes joies du patriotisme car, petit ou grand, tout résultat scientifique nouveau est un rayon de plus, ajouté à la gloire de sa Patrie.

La science est aujourd'hui partout; elle tend, de plus en plus, à devenir la souveraine du monde. Elle est, à n'en pas douter, la pierre angulaire de toutes les manifestations intellectuelles de l'homme, de toutes ses conquêtes sur les puissances de la nature. On ne peut se lasser de vanter la grandeur de son œuvre. La continuité de ses progrès, la vérité et la fécondité de ses applications, transforment et améliorent les conditions de l'existence humaine.

La science n'est pas un exercice désintéressé de la pensée sans autre fin immédiate que de satisfaire notre curiosité ou notre besoin de savoir et de comprendre. Le savant moderne n'est pas enfermé dans une tour d'ivoire, dont il ne peut descendre, pour se mêler à la vie quotidienne de l'Humanité.

Vous me permettrez de rappeler, notamment, que c'est le propre des découvertes de notre grand Pasteur de n'être pas demeurées dans le domaine des abstractions pures. Il a pu aborder les problèmes les plus ardu de la science, et a presque toujours abouti à des résultats immédiatement pratiques et essentiellement humanitaires. La question qui domine toute l'œuvre de Pasteur est celle des fermentations. Or, son génie s'est exercé avec la même clarté, avec le même succès, aussi bien sur les maladies de la vigne et des vers à soie, que sur les virus, les vaccins, le charbon, la septicémie, la rage, etc... Il a révolutionné les méthodes de fabrication du vin, de la bière, du vinaigre, de même qu'il a complètement renouvelé des méthodes thérapeutiques animales et humaines.

Le savant d'aujourd'hui est donc bien un homme de son temps. Il s'efforce de tirer toutes sortes d'applications pratiques des théories que ses recherches patientes et celle de ses prédécesseurs ont permis de découvrir.

Si le mathématicien ne s'occupe que de science pure, c'est l'ingénieur qui en poursuit les applications.

Quelle industrie n'a besoin de la mécanique et quelle est celle qui voudrait s'en tenir aux progrès déjà réalisés par cette science, quelques grands qu'il paraissent? Quelle est celle qui repousserait les secours de la chimie? Quel médecin, digne

de ce nom, consentirait à se passer de la physiologie, à ignorer les méthodes pasteurienues, à négliger les applications de la chimie et de la physique, qui lui sont aussi indispensables que l'anatomie.

Quel agriculteur éclairé ne comprend que les problèmes de culture et de production sont essentiellement des questions de zoologie, de botanique, de géologie et de chimie. Et dans cette grande cité, l'une des reines du commerce universel, quel négociant nierait l'importance du concours que les savants peuvent lui apporter.

Le commerce et l'industrie ne peuvent plus se passer de la science. Chaque jour ils lui demandent de nouveaux services, lui tracent de nouveaux desiderata et de nouveaux programmes de recherches.

Telle est aussi la conduite des législateurs, des administrateurs et de tous ceux qui ont en mains les destinées de leur nation. Eux aussi, se trouvent, à chaque instante, en face de questions très scientifiques au fond. En consultant souvent les savants, ils économisent bien des ressources qui risqueraient d'être gaspillées, ils utilisent bien des forces vives qui pourraient s'égarer et disparaître.

Nous assistons, de nos jours et dans tous les pays, à un redoublement d'activité dans les laboratoires, mais pour obtenir la riche moisson qu'ils peuvent nous donner; il faut les outiller de tous les instruments de recherches scientifiques, il faut les doter de ressources suffisantes pour que les savants soient à l'abri de ces préoccupations d'ordre matériel qui risquent de les obliger à disperser leurs efforts pour subvenir aux besoins de leurs familles.

Alors, mais alors seulement, nous assisterons à un épanouissement toujours plus admirable des progrès théoriques et pratiques dans toutes les branches des connaissances humaines.

Déjà, la liste des merveilles de la science s'allonge, s'allonge... indéfiniment.

Les hommes de ma génération ont assisté à de véritables miracles qui nous sont devenus tellement familiers que nous ne nous en étonnons plus. Nous avons assisté aux merveilleuses découvertes de l'électricité dont les multiples applications se sont manifestées dans la lumière, la chaleur, le mouve-

ment. Nous avons vu naître et se développer la téléphonie avec et sans fil, la télégraphie sans fil, qui transmettent aux antipodes la parole ou la pensée humaine. La navigation sousmarine et aérienne, les rayons X, et le radium nous ont déjà fourni des applications bienfaisantes et nous en font prévoir de plus admirables encore. Et, merveille des merveilles, on a même réussi à diriger des avions dans les airs par télégraphie sans fil.

Toutes ces découvertes prestigieuses enfantées dans les cerveaux des savants des 50 dernières années ont élevé considérablement la dignité humaine. Et cependant, je suis convaincu que tout cela n'est rien, auprès de ce que l'avenir devra au labeur méthodique de nos successeurs.

Je me permets d'insister sur la qualité qui s'impose, de plus en plus, aux hommes de science, c'est de rechercher, avant tout, une méthode de travail rationnelle et absolue. La méthode, en effet, est plus qu'un instrument de progrès, elle en constitue un des caractères essentiels.

Descartes en publiant à Leyde, en 1637, son *«Discours sur la méthode pour bien conduire sa raison et chercher la vérité dans les sciences»* a marqué une date importante dans l'histoire de l'esprit humain. Par sa méthode, il a renouvelé les mathématiques et la physique générale et en a étendu le champ et la portée jusqu'à l'infini. Les quatre préceptes qu'il a tracés, il y a près de trois siècles, s'appliquent encore à toutes les sciences et doivent servir de base solide aux recherches des travailleurs de nos jours. Ils y puisent une force et une puissance qui leur permettront d'atteindre les sommets dont je parlais tout à l'heure.

Abordons donc nos travaux avec confiance, Messieurs, et ne ménageons pas nos efforts; car aucun ne sera inutile. Nous savons que dans le monde physique, il n'y a jamais perte de force pas plus que de matière. Il en est ainsi, et bien plus encore, dans le monde moral. La volonté est aussi une force qui grandit et se multiplie en transformant les âmes comme un ferment. Nous avons la volonté de bien faire: appliquons la résolution et nous développerons les intelligences, en même temps que nous élèverons les coeurs, par la diffusion du savoir.

MONSIEUR GOMES TEIXEIRA.

Au nom de l'Association française pour l'avancement des sciences, j'ai le grand honneur de vous remettre un exemplaire de la médaille commémorative que nous avons fait frapper à votre intention, comme j'ai déjà eu le plaisir de le faire, en 1908, entre les mains du regretté SIGISMOND MORET, Président de l'Association Espagnole, au Congrès de Zaragoza.

Je vous prie de conserver dans les archives de votre Association cette médaille, chef-d'œuvre du maître graveur Roty. Elle est destinée à perpétuer le souvenir du Congrès de Porto.

Cette médaille a un caractère bien personnel, qui répond complètement aux aspirations et au but de notre Association.

Sur une face, vous voyez la Science conduisant la France par la main et lui faisant entrevoir dans le lointain un avenir riant et prospère par le travail de ses enfants et les conquêtes industrielles et agricoles.

Le revers montre une jeune femme, pleine de charme et de grâce, figure allégorique de la science, de la pensée idéalisée.

Au-dessous, dans un cartouche, cette inscription *Congrès de Porto 1921*.

Enfin, sur la tranche, vous pourrez lire ces mots: *Hommage à l'Association Portugaise pour l'avancement des sciences*.

En vous remettant ce souvenir, je fais des vœux bien sincères pour le bonheur du Portugal, pour son développement économique et scientifique et je puis vous assurer que nous gardons pieusement la mémoire de ceux des vôtres qui sont tombés glorieusement sur le front français, dans les Flandres et sur la Lys. Je vous prie d'être l'interprète des sentiments que je viens de vous exprimer, auprès de vos compatriotes.

Vive le Portugal! Vive l'Espagne!

DISCURSO INAUGURAL

PELO

DR. F. GOMES TEIXEIRA

REITOR HONORÁRIO DA UNIVERSIDADE DO PORTO

**Colaboração dos espanhóis e portugueses
nas grandes navegações dos séculos xv e xvi**

SENHOR PRESIDENTE DA REPÚBLICA:

Permita-me V. Ex.^a que, antes de entrar no assunto de que tenho de me ocupar nesta sessão, lhe apresente as nossas respeitadas saudações e lhe exprima, em nome da Comissão Organizadora do Congresso, o nosso reconhecimento por se dignar presidir a esta sessão, à qual traz o prestígio que deriva do seu alto cargo e o brilho que resulta da sua palavra eloquente.

*
* *

No eloquente Relatório que precede o Decreto de 12 de Outubro de 1919, pelo qual El-Rei da Espanha, o Senhor D. Afonso XIII, mandou comemorar no seu país nos anos de 1920 e 1921 o quarto centenário da famosa viagem de Fernão de Magalhães, exprime-se o desejo de que se associem a esta homenagem os compatriotas do grande navegador e os povos de além mar descendentes da raça ibérica.

Respondendo a êste nobre e simpático convite, vamos tomar para tema do discurso inaugural dêste Congresso, do qual tivemos a honra de ser encarregados pelas Comissões organizadoras de Madrid e do Porto, a colaboração dos espanhóis e portugueses nas grandes navegações dos séculos xv

e xvi, principalmente na primeira viagem de circumnavegação do Mundo.

Nenhum outro assunto nos pareceu mais apropriado a esta solenidade, que é mais do que a simples sessão de abertura de um Congresso, porque é uma festa de família, em que estão reúnidos em convívio fraternal numerosos homens ilustres nos diversos ramos da sabedoria humana, vindos de todas as províncias de Portugal e Espanha, celebrada na cidade que, por fortes motivos, reclama para si a honra de ser o berço do herói desta grande epopeia marítima, no ano em que faz quatro séculos que, ao desaparecer do Mundo, a História escreveu o seu nome na lista aureolada dos imortais.

*
* *

Cabe a D. Henrique, terceiro filho de D. João I, a honra de inaugurar as navegações famosas, que nos séculos xv e xvi assombraram o Mundo e deram a Portugal e à Espanha impérios maiores do que todos aqueles de que até então falara a História.

Lutando com energia e pertinácia contra as dificuldades resultantes da ignorância e indiferença das classes poderosas, da falta de dinheiro, da falta de instrução dos marinheiros e pilotos para as longas viagens no mar alto e das lendas que corriam sobre perigos destas viagens, conseguiu que os nautas portugueses navegassem para o sul, ao longo das praias africanas, até muito além dos limites já atingidos pelas galeras dos árabes, ultrapassando, com pasmo da Europa, o famoso Cabo Bojador, sem receio de, longe da terra, se perderem na vasta superfície do Oceano, ou de serem arrastados pela fúria dos vendavais para logares inóspitos, ou de que os engulissem as ondas alterosas do mar revolto, ou os queimassem os calores abrazadores da zona tórrida, ou os devorassem os monstros marinhos das lendas populares.

Para preparar estas navegações fundou o ilustre Infante a célebre Estação naval de Sagres, verdadeira Escola de Náutica, e chamou a Portugal, para nela aplicar a sua arte, o cosmógrafo catalão Jacomo de Malhorca, que gosava da fama de

ser muito douto em questões de marinharia e de ser muito perito na construção de bússolas e no traçado de cartas de marear.

Temos aqui o primeiro acto de colaboração de espanhóis e portugueses na preparação das grandes viagens dos séculos xv e xvi.

Recordarei com satisfação que D. Henrique nasceu no Porto em 1394 e que, para comemorar êste facto e os grandes serviços que prestou à pátria, os habitantes desta cidade lhe consagraram um monumento de mármore e bronze, sôbre o qual se eleva a figura severa e nobre do glorioso Infante, apontando para o mar, a indicar aos lusitanos o caminho a seguir para o engrandecimento da pátria. Êste monumento é para os Portugueses um altar e deve sê-lo para a Humanidade inteira; é um altar, cuja primeira pedra, a pedra sagrada, é um fragmento de rocha trasido solenemente do Promontório de Sagres.

A obra náutica tão felizmente iniciada por D. Henrique foi continuada por D. João II, que, para isso, constituiu em Lisboa uma Junta de matemáticos encarregada de preparar os elementos científicos para as grandes navegações no mar alto, e, para auxiliar esta Junta, chamou a Portugal o célebre judeu Abraão Zacuto, professor de Astronomia na Universidade de Salamanca (1).

É êste astrónomo autor de uma obra intitulada *Almanach perpetuo dos tempos*, que serviu de base ao cálculo das táboas necessárias para determinar as latitudes pela observação das alturas meridianas do Sol, contidas nos *Regimentos* náuticos que os pilotos levavam nas náos e nos quais encontravam o que precisavam saber para as dirigir por meio dos astros na amplidão misteriosa dos mares. Estes Regimentos, modelos de simplicidade prática, foram organizados pelo judeu português José Visinho, discípulo de Zacuto e membro da Junta, que os experimentou em uma viagem à Guiné.

(1) Sôbre a colaboração de Zacuto com a Junta dos matemáticos e sôbre a fundação da Astronomia náutica veja-se a obra importante:

JOAQUIM BÉNSAUDE: *L'Astronomie nautique au Portugal à l'époque des grandes découvertes*, Bern, 1912.

Convém ajuntar que a Astronomia tinha nesse tempo atingido na Espanha um elevado grau de desenvolvimento. Introduzida pelos árabes na Espanha mussulmana, onde floresceu notavelmente, passara de lá à Espanha cristã, onde encontrara um grande protector em Afonso X, o Sábio, o qual, no século XIII, mandou organizar por uma Junta de astrónomos a obra célebre conhecida pelo titulo de *Libros del saber de Astronomia*, na qual êle mesmo colaborou, e, além disso, estabeleceu na Universidade de Salamanca, que era nesse tempo o primeiro centro scientifico na Península, a cadeira de Astronomia que mais tarde ocupou Zacuto. Depois nos séculos seguintes continuara a ser ali muito cultivada, principalmente pelos judeus, para usos astrológicos.

Alguns historiadores têm atribuído um papel importante na fundação da Astronomia náutica a um fidalgo alemão, Martinho Behaim, que no tempo de D. João II veio a Lisboa e que se dizia discípulo do célebre astrónomo Regiomontano. Afirmam êles que Behaim ensinou aos portugueses o método para determinar as latitudes pela observação da altura meridiana do Sol e que, para o poderem aplicar, trouxe de Nuremberg as *Ephemerides* do seu mestre. Esta afirmação não é exacta. As táboas dêstes Regimentos estão em desacôrdo com as Efemérides de Regiomontano e mesmo com outras táboas do mesmo autor, e harmonizam perfeitamente com as táboas do Almanaque de Zacuto⁽¹⁾. Além disso o método para determinar as latitudes que se diz ter Behaim ensinado os portugueses, era de certo já conhecido na Península, por se encontrar nos *Libros del saber* do Rei Afonso.

A Astronomia náutica é pois obra ibérica e a sua origem está nos Regimentos das navegações portuguesas. Resultou da colaboração de Zacuto com os náuticos da Junta dos matemáticos de Lisboa e, em especial, com José Visinho, e é uma aplicação das doutrinas de origem greco-árabe contidas na grande obra de Afonso X.

A Escola náutica iniciada em Sagres, com a colaboração de Jacomo de Malhorca, e continuada pela Junta dos mate-

(1) JOAQUIM BENSUADE, *l. c.*

máticos, com a colaboração de Zacuto, e na qual se distinguiram Duarte Pacheco Pereira, que nos legou no seu *Esmeraldo de situ orbis* uma obra ao mesmo tempo notável sob o ponto de vista náutico e sob o ponto de vista filosófico, João de Lisboa, autor do *Livro da Marinharia*, colecção preciosa de doutrinas relativas à teoria e à prática de navegação, entre as quais se encontra o primeiro Regimento do Cruzeiro do Sul, e Francisco Faleiro, que publicou em língua castelhana um livro importante sôbre a arte de navegar, atingiu o máximo esplendor com Pedro Nunes, o maior dos cosmógrafos do seu tempo, e caiu depois rapidamente, como rapidamente caiu também a navegação portuguesa.

Foi a última figura notável dêste período de luz da ciência lusitana D. João de Castro, o célebre Vice-Rei da Índia e o maior dos discipulos de Pedro Nunes, que applicou com successo nas suas viagens por mar as doutrinas ensinadas pelo seu grande mestre.

Notemos de passagem que a Escola de que acabamos de falar pode ser considerada como mãe da Escola de pilotos de Sevilha, cujos primeiros directores, Américo Vespucio e Francisco Faleiro, fizeram a sua educação no meio náutico lusitano, e que os trabalhos dos cosmógrafos portugueses inspiraram em muitos pontos as obras notáveis dos illustres cosmógrafos espanhóis Enciso e Pedro de Medina.

Se, na história das navegações, passamos da preparação das viagens para a sua realização, encontramos, assinalados honrosamente, alguns nomes de marinheiros espanhóis que fizeram serviço nas armadas portuguesas. Mencionemos João da Nova, natural da Galiza, que comandou a terceira expedição que D. Manoel mandou à Índia e ali combateu com valentia contra os mouros, que pretendiam conservar nas suas mãos o comércio do Oriente, e, na expedição de Pedro Álvares Cabral, o piloto Mestre João, bacharel em Artes e Medicina, que de Vera-Cruz escreveu a D. Manoel uma carta que ficou registada como documento precioso na História das navegações portuguesas.

Aos serviços prestados à Náutica lusitana por Jacomo de Malhorca, Abraão Zacuto, João da Nova e pelo piloto Mestre João correspondeu Portugal com os serviços prestados às

navegações espanholas por Fernão de Magalhães com a sua famosa viagem de que em seguida falaremos especialmente, por João Dias de Solis, o precursor daquele, que percorreu as costas orientais da América até ao Rio da Prata, onde foi massacrado pelo gentio, pelos cartógrafos Diogo Ribeiro, Jorge Reinel e Pedro Reinel, que construiu o planisfério que Magalhães apresentou a Carlos V para lhe explicar o plano da viagem que pretendia realizar, e pelos judeus Ruy Faleiro e Francisco Faleiro, que, saindo de Portugal no tempo de D. Manoel, foram residir em Sevilha, onde auxiliaram Magalhães na preparação da sua viagem, e onde o segundo dirigiu a Escola Naval desta cidade e publicou um tratado notável sobre a arte de marear, a que já nos referimos, por meio do qual divulgou na Espanha os Regimentos das navegações portuguesas.

Não é necessário apreciar qual dos dois países, Espanha e Portugal, mais concorreu para esta cruzada de civilização do Mundo, porque os nomes grandes de cada um dêles devem ser considerados pelo outro como glórias de família.

*
* *

As navegações portuguesas e espanholas nos séculos xv e xvi formam três epopeias cujos assuntos estão mais ou menos ligados. É o herói principal da primeira Cristóvão Colombo, da segunda Vasco da Gama, da terceira Fernão de Magalhães.

As viagens dêstes grandes navegadores tiveram todas o mesmo fim: procurar caminhos para a Índia, que de longe atraía os europeus com a seducção das suas riquezas, encantos das suas paisagens e novidade dos seus costumes.

Cristóvão Colombo pretendeu chegar lá navegando para oeste, mas encontrou diante de si, como muralha intransitável, um novo continente. Não realizou o fim que tinha em vista, mas teve a glória de descobrir a América.

Vasco da Gama, continuando as viagens maravilhosas de Diogo Cão, Gil Eannes, Nuno Tristão e Bartolomeu Dias, que tinha já navegado até além das águas perigosas do Cabo das Tormentas, que mais tarde haviam de ser a sua sepultura,

ultrapassou este logar lendário, sem receio das fúrias do Adamastor, e navegou triunfante até à Índia, o país das pérolas e das especiarias, a terra para os europeus da promessa, dando assim um grande império à sua pátria, e fazendo de Lisboa o centro do comércio do Mundo e a rainha auréolada dos mares.

Para celebrar este feito, Deus deu a Portugal o génio de Camões.

As viagens de Colombo, Américo Vespúcio, Gaspar Corte Real, Sebastião Caboto, Vasco Nunes de Balbôa, Pedro Álvares Cabral, João de Lisboa e João Dias de Solis mostraram que o continente americano se estendia de Norte a Sul até limites desconhecidos, além das terras do Labrador, onde chegara Caboto, e além do Rio da Prata, onde fôra massacrado Solis, e que, nesta longa extensão daquele continente, não havia passagem alguma marítima do Oceano Atlântico para o mar ocidental, avistado pela primeira vez por Balbôa das terras do Panamá.

Se alguma ligação existia pois entre os dois mares, era necessário ir procurá-la mais longe, ou na zona frígida do Norte, ou, no Sul, além do Rio da Prata. É o que fez Magalhães. Navegando primeiramente ao longo das costas do Brasil, na esteira de Solis, e, seguindo depois ao longo das praias então desconhecidas da Argentina, encontrou enfim um estreito que atravessa a América de mar a mar, ao qual, para memória, se deu com justiça o seu glorioso nome.

*
* *

Quando percorro a história de Portugal e da Espanha nos séculos xv e xvi, não sei o que mais hei de admirar se a grandeza dos impérios que constituíram além mar se a rapidez com que os formaram.

Este fenómeno extraordinário mostra quanto era grande a energia, o talento, a pertinácia e a actividade de raça ibérica, da qual emigravam todos os anos legiões de homens, movidos pelos mais variados sentimentos: o amor da glória, o desejo de ver e de saber, a fé religiosa, a ambição das riquezas:

homens que formaram fora da Europa um novo e grande Portugal e uma nova e grande Espanha.

Iam os exploradores procurar novas terras, os mercadores buscar artigos para o seu comércio, os sábios estudar as maravilhas da natureza sob novos aspectos, os conquistadores aumentar os domínios das suas pátrias e o número dos súbditos dos seus reis, os missionários converter almas à fé cristã e enfim os colonos procurar condições de vida melhores do que as tinham no seu país, e foram estes viajantes que espalharam pelas novas terras descobertas as leis, as línguas e as crenças dos dois povos da Ibéria, transformando-as em colónias, que independentes mais tarde, são hoje como que a continuação além mar das nossas próprias pátrias e padrões da nossa passada grandeza.

Estas viagens, modificando profundamente o conceito que até então se fazia no Mundo, actuaram sobre os europeus como poderosos excitantes, despertando neles energias latentes em todas as manifestações da actividade humana.

Pelo que respeita às Ciências, a sua influência foi considerável. A Astronomia, que na idade média se applicava só à indústria astrológica, teve na Náutica uma applicação sã e digna. Traçou-se nas suas linhas gerais o mapa do Mundo. Observaram-se as correntes marítimas. Com a agulha de marear estudou-se o magnetismo terrestre. Observaram-se novos fenómenos físicos ou novas formas de fenómenos conhecidos. Viram-se no Céu novas constelações e na Terra novas raças, novos animais, novas plantas e novas formas de vida.

Depois ligaram-se estes novos conhecimentos aos expostos nos trabalhos que nos legou a antiguidade helénica, e preparou-se assim o famoso século xvii, em que apareceram na scena do Mundo os heróis do pensamento que se chamaram Kepler, Galileu, Descartes, Leibniz e Newton.

Nos vãos da sciência que se realisaram no século xvii não representaram papel importante nem espanhóis nem portugueses. Estavam cançados. Nas colectividades como no homem isolado, aos períodos de agitação seguem-se outros de adormecimento e torpôr, e a Península ibérica fôra a alma da Europa no período brilhante das grandes navegações. Por isso não pôde resistir aos efeitos da depressão moral produzida

pelas riquezas que vieram do Oriente e do esmagamento produzido pelo excesso de poderio, nem às influências sectaristas que por diversos modos a assaltaram. Mas, apesar de tudo isto, como no declinar do que é sublime há sempre alguma coisa de grande, os dois povos puderam continuar com energia e pertinácia, cada um no seu campo de acção, a obra colossal da colonização da América.

*

* *

Portugal e Espanha eram no século xvi émulos no poderio e na glória, mas as relações dos seus governos eram amigáveis, como convinha a dois países aos quais a Providência confiara a civilização de uma grande parte do Mundo. Estas relações, no que respeita às descobertas dos seus navegadores, eram reguladas pelo tratado de Tordesilhas, celebrado entre D. João II de Portugal e os Reis Católicos Fernando e Isabel, segundo o qual, dividindo a Terra em dois hemisférios pelo meridiano que passa a 270 léguas a poente de Cabo Verde, ficavam sob o domínio de Portugal as terras que se descobrissem no hemisfério oriental e sob o domínio de Castela as que se descobrissem no outro hemisfério. Com êste tratado evitaram-se conflitos entre os dois países, que, prejudicando-os a ambos, retardariam ao mesmo tempo a civilização das vastas regiões descobertas, obra gigantesca que nenhum poderia só por si realizar.

Mas na aplicação dêste tratado havia uma dificuldade essencial. Emquanto que Portugal tinha uma entrada independente para o seu império asiático, a Espanha não podia passar para o seu império do Pacífico sem atravessar os mares do Oriente lusitano.

Estava reservada a Fernão de Magalhães a honra de a resolver.

*

* *

Em 1 de Agosto de 1519 partiu com efeito de Sevilha e desceu o Guadalquivir uma frota composta de cinco naus com

237 homens. Era comandada por Fernão de Magalhães e ia, por ordem de Carlos V, procurar nos mares do Sul, uma passagem marítima das praias do Levante para as praias do Poente do continente americano.

Possuía o ilustre fidalgo português as qualidades necessárias para tão difícil missão. Era valente e disciplinar, enérgico e prudente, tenaz e sabedor. Na sua alma estavam reunidas a alma do soldado, a alma do marinheiro e a alma do missionário; tinha a rija têmpera do primeiro, o espírito aventureiro do segundo e a crença fervorosa do terceiro.

Habitara nesta cidade do Porto, onde provavelmente nasceu, e cujos fragedos parecem ter-lhe transmitido a rigidez que o caracterizou. Aqui, no meio do povo crente e simples do seu tempo, desabrochava o seu sentimento religioso, que depois se engradeceu ao contemplar a majestade da natureza nos seus mais belos e variados aspectos nas terras que viu e nos mares que percorreu.

Aprendera a navegar nos mares da Índia e a batalhar em Malaca e Azamor, onde ganhara louros combatendo a favor do país onde nascera.

Partia radiante de satisfação e cheio de fé em Deus, em si mesmo e no bom resultado da sua grande empresa.

Na sua grande fé estava a sua maior fôrça.

Fôra a fé que lhe dera ânimo para abandonar a sua pátria, onde não tinha o favor da Côrte, e ir pedir à Espanha alguns navios para realizar o seu sonho de glória; fôra a fé que lhe dera a eloquência para convencer o Cardeal Cisneros e Carlos V a darem-lhe os meios de que carecia para a sua grande empresa; foi a fé que lhe deu depois a energia necessária para reprimir severamente a grave revolta contra a sua autoridade de alguns capitães e pilotos que ameaçava inutilisar a expedição; foi ainda a fé que o manteve sereno no meio do vendaval temeroso que assaltou a frota e o sustentou vigilando quando navegava no meio de baixios.

Fazendo a apologia da fé, disse outrora o grande tribuno espanhol Emilio Castelar em uma brilhante alocução dirigida em Coimbra, da varanda de um hotel, aos estudantes da Universidade, um dos quais era eu mesmo: *Foi a fé que levou*

Cristóvão Colombo à América, e se a América não existisse, Deus te-la-ia feito surgir do seio dos mares para recompensar a fé do grande homem.

Esta bela imagem, êste vôo de poeta, não é aplicável a Colombo. Êste pretendia chegar à Ásia pelo Levante, navegando para Poente; mas não o pôde fazer, porque a América não o deixou passar. É aplicável a Magalhães. Parece que a Providência, para o recompensar pela sua grande fé, abriu através daquele continente, de mar a mar, o Estreito pelo qual passou, quando era horrivelmente flagelado pelo vento frio que soprava nas regiões geladas do Polo Austral, evitando assim que tivesse ir mais ao Sul costear as praias inóspitas do inferno vulcânico a que chamou Terra de Fogo.

Em 27 de Novembro de 1520 entrou com efeito, profundamente comovido e com as lágrimas nos olhos, nas águas serenas do Oceano ocidental da América, a que deu o nome de Pacífico, e para assinalar o seu sentir, durante longos dias que levou a atravessar o Estreito, deu à ponta de terra que encontrou à saída o nome expressivo de Cabo Desejado.

Estava realizado o seu sonho, estava aberto um segundo caminho para a Índia, estava descoberto o caminho directo para navegar desde a Europa até às praias americanas do Pacífico. ¡O seu nome ia ficar gloriosamente inscrito na História da Terra!

E nesse dia de júbilo, ao pôr do sol, às Trindades, foram, em todas as naus, as orações rezadas com mais devoção, foi Deus bemdito com mais fervor.

Podia nessa ocasião voltar à Espanha pelo caminho que acabava de percorrer a dar notícia da sua descoberta e a receber os louros da vitória, e era mesmo esta a opinião de alguns capitães e pilotos, que julgavam a frota, já reduzida a três naus, incapaz de realizar a longa viagem pelo Cabo da Boa Esperança. Não o fez. Adiante dêle estavam talvez novas terras a descobrir, estava o caminho que o levaria à Europa, fazendo pela primeira vez a circumnavegação do Mundo.

A travessia do Pacífico foi longa, monótona e trágica. Passaram dias, e os dias formaram semanas e meses, e os olhos

só viam um vasto círculo de água, limitado por um horizonte brumoso.

Entre tanto, os víveres que levava a frota foram-se corrompendo com rapidez assustadora, e a situação dos expedicionários foi-se tornando sucessivamente grave, aflitiva, aterradora.

Em todas as naus os marinheiros observavam anciosos o horizonte a ver se descobriam terra onde podessem ir procurar novas provisões, mas nada encontravam; parecia que estavam presos a um horizonte que se deslocava com êle sôbre a imensidade do Mar debaixo da imensidade do Céu.

A fome aumentava dia a dia, e com ela aumentava o sofrimento, aumentava o desespero.

Quando aquele flagelo atingiu o seu auge, comeram os desventurados nautas os couros que forravam as vergas dos mastros, amolecidos durante dias em água do mar, serradura de madeira e, como manjar delicioso para êles, os ratos que encontraram nos porões das naus.

Muitos marinheiros morreram, vitimados por doenças dolorosas produzidas pela fome e pela podridão dos alimentos, e terião morrido todos, diz o cronista da viagem, se não tivessem a boa sorte de navegar velozmente, impelidos por ventos que se conservaram favoráveis.

Durante êste período calamitoso, Magalhães, cujo espírito tinha alguma coisa de ingénuo e fatalista, perguntava freqüentes vezes, impressionado e aflito, ao astrólogo André de S. Martinho o que lia nos astros sôbre a sorte da expedição. ;E ainda bem que o astrólogo não podia predizer que um e outro tinham os seus dias contados, que à roda de ambos voava o anjo negro da morte!

Durou cêrca de três meses e meio esta trágica travessia do Pacífico, e no longo caminho percorrido neste tempo só encontraram, como oasis no meio daquele imenso deserto de água, duas ilhas desabitadas e, no fim, perto um do outro, dois grupos de ilhas a que Magalhães deu os nomes de ilhas dos Ladrões e ilhas de S. Lázaro, e que hoje são chamadas Marianas e Filipinas.

A expedição demorou-se nestas últimas ilhas. Era necessário. Capitães e marinheiros estavam caçados, famintos

e doentes. Êste Arquipélago, com seus frutos saborosos, era para êles um paraíso de delícias, depois de um longo penar em Purgatório de amarguras.

Entretanto Magalhães substituiu o seu papel de marinheiro pelo de missionário, procurando conquistar entre o gentio súbditos para Carlos V e adeptos para Cristo.

Então a sua alma de crente teve a intensa satisfação de ver, na ilha de Massana, no domingo de Páscoa de 1521, uma multidão de indígenas, com os seus régulos à frente, adorar de joelhos, juntos com os marinheiros, uma cruz levantada próximo da praia para celebrar a festa dêsse dia, ao mesmo tempo que nas naus a artilharia, troando em salvas de honra, animava esta cerimónia comevadora e bela; e igual júbilo sentiu, mais tarde, quando o capitão da frota baptizou com solenidade semelhante os régulos da ilha de Zebu e muitos dos seus súbditos, instruídos primeiramente pelo próprio Magalhães nas doutrinas da religião cristã.

Mas êste periodo de boa sorte foi de curta duração. Deus quis juntar à sua corôa de herói a corôa de mártir de civilização naquele Paraíso cuja descoberta havia de ficar ligada ao seu nome na História da Terra.

De facto em 26 de Abril de 1521 desapareceu para sempre da scena do Mundo, massacrado pelos indígenas da ilha de Matan, depois de combate duro e prolongado com uma multidão de inimigos, quando procurava deixar nesta ilha, como deixára em outras do mesmo Arquipélago, os primeiros vestígios do domínio de Castela e os primeiros vestígios da religião de Cristo.

E com efeito deixou. Quando mais tarde, em 1564, soldados espanhóis entraram naquela ilha, encontraram ali uma imagem de Jesus, que pertencera de certo à expedição de Magalhães, e que os indígenas adoravam como se fôsse um dos seus ídolos.

Não puderam os companheiros de Magalhães que se salvaram em Matan recolher os restos preciosos do seu capitão, nem ouvir-lhe as últimas instruções. Se nos seus derradeiros momentos de vida êle lhes podesse falar, dir-lhes ia de certo: levei à Espanha a notícia das nossas descobertas; já não precisais de guia; o mar onde ides entrar foi já muitas vezes atravessado pelas caravelas portuguesas.

E lá ficou a dormir eternamente, acalentado pelo sussurro do Oceano imenso que acabava de atravessar!

Depois do desastre, de que acabamos de falar, a expedição afastou-se apressadamente destas ilhas perigosas, em duas naus, na direcção de ilha de Tidor, no Arquipélago das Molucas, onde estas naus se separaram, ficando uma retida nesta ilha, por não poder navegar, e singrando a outra para a Espanha pelo caminho conhecido do Cabo da Boa Esperança.

Era alcançar estas ilhas o fim que Magalhães tivera em vista com a sua navegação a partir do Estreito; mas, por motivos de defeitos da carta náutica, passára, sem o saber, a leste delas, avançando em excesso para o Norte; êrro que teve como consequência feliz enriquecer a sciência geográfica com a importante descoberta dos dois Arquipélagos há pouco mencionados.

*

* *

Cêrca de 16 meses depois de tragédia de Matan, em 8 de Setembro de 1522, os habitantes de Sevilha assistiram comovidos a uma scena tocante pela sua simplicidade e grandeza.

De uma nau atracada a um dos cais do Guadalquivir, em cujas velas brilhava a cruz de S. Tiago, desceram 18 marinheiros, tostados pelo vento e pelo sol, emagrecidos pelas fadigas e privações, descalços, em camisa e com tochas acesas na mão, e foram a duas igrejas da cidade dar fervorosas graças a Deus pelo feliz têrmo da sua viagem. Eram os restos da expedição de Magalhães, que partira da mesma cidade há cêrca de três anos. Aqueles marinheiros acabavam de fazer a primeira viagem de circumnavegação do Mundo. Um dêles, Pigaffeta, o cronista da viagem, era italiano, os outros eram todos espanhóis. Os portugueses que haviam tomado parte na expedição, uns tinham morrido na viagem, outros tinham ficado em Tidor e outros tinham sido retidos pelos seus compatriotas ao passar em Cabo Verde.

A nau que ali estava tinha o nome fatídico de Vitória, e das

cinco que partiram era a única que voltava. Comandava-a o biscainho Sebastião Delcano, que acabava de conduzir os restos da expedição desde Tidor, nos confins do mar das Índias, e que, ao partir, era piloto de uma das naus que ficaram no caminho.

Galardoou Carlos V Delcano pelo seu feito, concedendo-lhe a honra de colocar no seu braço uma esfera com a legenda: *Primus circumdidisti me.*

Emquanto ao grande morto da ilha de Matan, êsse, no dia em que o seu corpo caiu prostrado sob os golpes do gentio e a sua alma desapareceu nos mistérios de além túmulo, deixou de ser cidadão de qualquer país para se tornar uma glória da Humanidade. A Espanha recorda-o com gratidão, Portugal com orgulho, mas é a Humanidade que pertence honrar a sua memória, e esta fê-lo levantando-lhe um monumento na Terra, dando o seu nome ao Estreito que descobriu, e outro no Céu, dando o seu nome às nuvens sidéreas que circundam o polo austral.

Não lastimemos Fernão de Magalhães por não voltar à Espanha a receber os louros de triunfador nem por não vir dormir o seu sono eterno em alguns palmos de terra do Mosteiro de N. Senhora da Vitória, de Sevilha, como no seu testamento pediu. Era um gigante e Deus deu-lhe um túmulo à altura da sua grandeza.

O seu mausoleu é o esplendido Arquipélago das Filipinas, marco que limita o caminho que seguiu sôbre mares misteriosos; joia preciosa cuja descoberta foi o último triunfo da sua brilhante carreira de nauta; terras onde foi apóstolo e mártir de civilização cristã.

Cerca-o a majestade do imenso Oceano Pacífico, cujas vagas, ora serenas o vão beijar em ondulações suaves, ora revoltas se desempenham sôbre êle com rugidos de fera, como que a recordar os variados acidentes da vida de marinheiro do herói que nele dorme.

Alumiam-no de noite, como lâmpadas, as estrêlas que guiaram a frota na linha descrita na imensa superfície dos Oceanos desde as praias da Andaluzia até às águas das Filipinas.

Adornam-no palmeiras, cujas fôlhas simbolisam trofeos de glória.

A cúpula que o cobre é o Céu do vasto teatro dos seus feitos de guerreiro e de nauta, é o Céu que cobre Malaca, onde batalhou, o Estreito que descobriu, os novos mares que percorreu, as novas terras que encontrou; é o Céu onde alvejam, como coroas de honra, ao longe, no extremo Sul, as nuvens sidéreas que os astrónomos consagraram no seu nome.

E, para não faltar o símbolo cristão, o simbolo da crença do grande morto, brilha periódicamente naquela cúpula a abençoada cruz que guia o nauta nos mares austrais, a linda Constelação do Cruzeiro do Sul.

Falta-lhe o epitáfio, falta-lhe uma inscrição que diga aos navegantes que passam diante de Matan: silêncio, descobri-vos respeitosos, aqui jaz o grande marinheiro que ensinou o caminho para a circumnavegação do Mundo.

Mas êste epitáfio está na História, que apontando para aquela ilha, o há de transmitir eternamente de geração a geração.

DISCURSO

DO

EX.^{MO} SNR. D. FRANCISCO APARICIO

MINISTRO DA INSTRUÇÃO PÚBLICA

E BELAS ARTES DE ESPANHA

En representacion del Gobierno de S. M. El Rey de España — que es tambien Presidente de Honor de la Asso-ciacion para el Progreso de las Ciencias — os traigo, envanecido y gozoso, el testimonio de alto aprecio y diligente solicitud con que quiere asociarse a vuestra obra mi Augusto Soberano, siempre atento a la labor cientifica de estos certamens culturales a los cuales otorga constantemente su simpatia y su estimulo.

Y os traigo especialmente a vosotros, congresistas portugueses, aunque encarnada en la modestia de mi persona, la mas autorizada representacion de España entera, para rendir a vuestro saber, a vuestros desvelos, a vuestro abolengo glorioso, — oficial y publicamente — el tributo de excepcional aprecio y admiracion sincera que ya de antiguo y a diario os rinden, en sus trabajos y comentarios, con menor aparato pero no con menor sinceridad, estos congresistas españoles, nobles émulos vuestros, conocedores por sus estudios en bibliotecas y sus prácticas en laboratorios y talleres, de cuanto debe la civilizacion universal a la patria del Solitario de Sagres, del descubridor de las Indias, del sabio inventor del «Nonius»; patria solo adecuadamente cantada en la magna epopeya de Camoens, y cuyas gestas esculpió, cual en mármol, la inmortal pluma de Alejandro Herculano.

No me perdonariais — incansables obreros de la ciencia peninsular — la intrusion que supondria aventurarme en vuestros

legítimos dominios trayendo a estas palabras de saludo (no a otra cosa me autoriza el programa de la presente inolvidable solemnidad) ni la mencion siquiera de tantos y tantos nombres cuya evocacion ha de ser sin duda, y ya hoy mismo lo ha sido insuperablemente, relevante asunto de vuestro comun examen, los de los colaboradores científicos, portugueses y españoles en el progreso de la Humanidad. Con razon se ha llamado a este Congreso «uma festa de familia» y en las fiestas de familia hablar de los abuelos que tema mas fecundo, de mas inagotable deleite! Ni menos aun me seria lícito asomarme, sino para admirarlo, enaltecerlo y envidiaros, a ese caudal de saber que acoplasteis para ofrecerlo a esta docta Asamblea, justamente coronada con los personales prestigios y la elevadísima significacion del eminente Sr. Presidente de la Republica Portuguesa cuya licencia pido para reiterarle el homenaje de nuestra gratitud colectiva por la honra que, con su presencia, nos dispensa.

Ahora el solo anuncio de vuestra labor, señores congresistas. No hay disciplina de los conocimientos humanos que os haya cerrado sus puertas. Vuestra escudriñadora mirada ora se halza hasta los cielos acercandose al Sol, ora se adentra en los senos de la Tierra iluminada por la linterna del paleontólogo. Vuestro acucioso afan de hallar la Verdad, persigue sus huellas cuando através de las grandes abstracciones de la matemática y de la filosofia, cuando en pos de las revelaciones de la Naturaleza y de las hechicerias de la Físico-Química. Pero, centro de vuestras observaciones el Hombre, en el convergen principalmente los rayos de luz que irradian de vuestras preclaras inteligencias; y lo estudiáis integramente, ansiosamente calorosa y ahincadamente, en su compleja realidad, espiritual y material, esforzandose en inquirir sus antecedentes biológicos, su desenvolvimiento histórico, sus afinidades y discordancias sociales, el encanto de su habla, las máculas de su cuerpo, y todas las grandes exaltaciones de su alma, desde los lirismos de la poesia y las lágrimas del altruismo hasta las milagrosas aplicaciones de la ingenieria, continuo remedo de la Creacion, con el cual la Humanidad se agiganta.

Todo ese riquísimo arsenal aportais, portugueses y españoles, a la admiracion de los espectadores de este Congreso,

cuya realizacion no hubiera sido posible sin la gentileza y efusiva hospitalidad, llena de cortés señorío, que nos ha proporcionado la Asociacion portuguesa para el progreso de las ciencias; sus afanes por el maximo lucimiento del certamen y por la instalacion de asistentes y espositores no seran nunca bastantemente alabados y agradecidos.

Ante tanta magnificencia y bondad tanta, os debo el obsequio de la brevedad, tiempo que os retuvieran mis palavras seria tiempo robado a vuestra fértil tarea y a vuestros anhelos de provida confraternidad.

No extrañeis, pues, que ni aun para hacer la presentacion de mis compatriotas os detenga un instante; varios de ellos no la necesitan puesto que su legitimo renombre traspasó las fronteras; a los demás han de acreditarles sus obras, en nobilísimo parangón con las preciadas vuestras, más y mejor que pudieran hacerlo mis encomios. Y respecto al material científico que España espona, venciendo las multiples dificultades que las circunstancias nos han impuesto, solo llamaré vuestra atencion sobre la notoria solicitud con que la ciencia y la administracion españolas, en sus variadas manifestaciones, han querido acudir a vuestro llamamiento. Todo ello era debida correspondencia al agasajo de vuestra inapreciable colaboracion.

Aparte se os dará impresa, ya que por las razones dichas fuera impertinente considerarlo aqui, Memoria detallada con ilustraciones gráficas y catálogos, del valiosísimo material científico y de las publicaciones que os presenta el Instituto Geografico y Estadístico y los Observatorios Central e Meteorológico y Astronómico, que bajo la direccion de ilustres hombres de ciencia funcionan en el Ministério de mi cargo.

Como asimismo lo importantísimo que ofrece el Ministerio de la Guerra española y las que muestra el Laboratorio de Automatica a cargo del eminente ingeniero sr. Torres Quevedo, cuyo renombre científico os será bien conocido.

Me hago cargo, por otra parte, que solo al honor del Ministerio que rijo en mi Patria debo el orguleo de dirigirme a vosotros, y debo ceñirme pues, al desempeño de la mision oficial que ya queda cumplida. Si el crimen que

privó a España de tan priverligiada y generosa inteligencia no hubiera obligado foirosamente a desdoblarse la que habria sido su intervencion en este acto, atribuyendo al ilustre Doctor Carracido la que merecidamente le corresponde como su sucesor en la Presidencia de la Asociacion, y confiriendome a mi la representacion del Gobierno español, ocuparia este puesto, con inmensa ventaja para todos, la llorada figura de D. Eduardo Dato. Exigencias del acaso me han traído a reemplazarle, y yo no sabria honrar mejor su recuerdo eludiendo hasta la apariencia de pretender llenar el vacio que dejó entre nosotros.

Nada mas, pues, señores congresistas. El Gobierno de mi pais hace los mas fervientes votos por la utilidad y gloria de esta ilustre Asamblea.

A ellos, si me lo permitis, quiero unir, los míos personales, cordealísimamente sentidos. Y si consintierais amablemente, congresistas portugueses, que por un momento hablase desde este sitio no el hombre publico español, sino el modesto ciudadano que vió la luz en la cúspide de Castilla allá en Burgos, que por algo se llama «caput Catella» segun el lema de su escudo, yo os pediria que creyerais en la sinceridad del afecto que os tributan, desde su infancia, mis leales conterraneos. Porque, sabedlo: apenas se despiertan a la inteligencia las mentes de los estudiantes burgaleses, sus paseos artisticos les llevan consentudinariamente bajo las umbrosas arboledas que circundan la secular ciudad, a detenerse para contemplar las bellezas de la sin par Cartuja de Miraflores. En aquel templo, que es por su destino como por su traseria un nobilísimo sarcófago, se extasian ante la estupenda escultura de S. Bruno, que no habla porque es cartujo, pero que vive animado por el cincel del portugués Pereira. En el centro de la nave se alza doble maravilloso túmulo, prodigio del cincel de Siloe; alá duermen el sueño eterno bajo sendas estatuas yacentes, los restos de D. Juan II de Castilla y de D. Izabel de Portugal, padres de nuestra Izabel la Católica, y por elle una de las primeras impresiones objectivas de Historia que se graban en los infantiles cerebros de Mis convepristinias enseñanzas, es la que les dice que si Castilla conquistó a Granada, si unificó a España, si descubrió un mundo fué por

que su suerte la deparó por Reina una mujer excelsa en cuyas venas correia, al par que la española, estoica y seria, pletorica de ilusiones y sedienta de aventuras, la idealista sangre lusitana.

DISCURSO

DE

S. EX.^a O SENHOR PRESIDENTE DA REPÚBLICA

DR. ANTÓNIO JOSÉ D'ALMEIDA

Tenho a honra de saúdar os homens ilustres que fazem parte dêste congresso. Saúdo os espanhóis e saúdo os portugueses, e saúdo-os por igual, com a mais veemente simpatia, como obreiros da mesma causa: a Sciência.

A Sciência! Com que magníficos auspícios se vai realizar êste congresso, que terá um resultado superior a todos os outros que dêle possam advir: unir, estreitar as relações dos dois povos da península.

E com que íntima e forte satisfação eu presido a semelhante acto, eu que tenho pelo país visinho uma simpatia que, durante toda a minha vida política, não sofreu desvios nem arrependimentos.

Para estreitar as relações entre os povos, o sentimento é muito, mas não é tudo. Ou por outra, o sentimento só pode ser uma causa de ligação poderosa e duradoura quando êle deriva da Inteligência, por esta sendo dirigido e vitalizado. Foi sempre assim, e êsse facto, mesmo, subordina-se a leis, não ainda por completo estabelecidas, mas claramente previstas desde que, pelas alturas da Renascença, se reconheceu que não havia progresso, sem se adicionarem, numa acumulação constante e reprodutiva, as laboriosas conquistas do espírito científico.

Mas, se foi sempre assim, mais o é agora, neste vertiginoso momento, em que todos os povos procuram caminhar rapidamente para o seu objectivo nacional, e em que, no campo das rivalidades internacionais, se discutem avidamente dis-

tância de palmos, quando outrora se fechavam, indiferentemente, os olhos a extensões de léguas.

Por isso mesmo, êste congresso é um acontecimento feliz e os preceitos a que a sua organização obedeceu afiguram-se-me tão inteligentes que todos os louvores são poucos para os homens eminentes que meteram ombros a tamanha e tão digna empresa.

É um congresso científico. Mas como as sciências também têm o seu regionalismo, êle é uma manifestação de solidariedade das sciências peninsulares. E como a Sciência não é mais do que a Inteligência em marcha, isto é, o Pensamento em acção, segue-se que vamos ter, neste certamen, um acto de harmonia dos expoentes intellectuais dos dois povos, o que provocará, necessariamente, uma explosão dos sentimentos morais das duas pátrias.

É exactamente isso o que eu desejava, e é isso, precisamente, o que me impressiona e comove!

O caso é simples, creio eu. Já vou em mais de meio da minha vida e desde que comecei a reflectir sôbre os phenomenos políticos e sociais, nunca deixei de ouvir falar na necessidade de se estreitarem as relações dos dois povos da Península. No entretanto, permanecemos, pouco mais ou menos, nas alturas em que nos encontravamos há quarenta anos, isto é, limitamo-nos à troca de muitas palavras cortezes e tantas vezes gentis, sendo pouquíssimos os factos de alcance positivo que temos conseguido realizar. E de tal maneira, sejamos francos, nos temos contentado com êste processo lírico de fazer a aproximação peninsular, que eu até me espanto de ainda se conservar tão fresco e loução o sentimento de viva simpatia, que afinal existiu sempre, como não podia deixar de ser, entre portugueses e espanhóis.

Temos por hábito dizer, a cada passo, que espanhóis e portugueses descobriram o mundo.

Essa ideia cantada de infinitos modos diversos pelo génio peninsular tem criado obras primas, de tão fúlgido relêvo que elas hão-de viver, enquanto se falar a língua das duas pátrias. Admirável propósito tem sido êsse de pôr constantemente diante das gerações que se vão sucedendo, e cuja retina poderia tornar-se indolente para êsse género de imagens, aquela

obra sobrehumana que portugueses e espanhóis realizaram, através da história trágico-marítima, tocando-se as mãos, depois de enlaçarem com os braços, cada um por seu lado, êste agitado globo terrestre.

Mas, sinceramente, por tantos mundos termos, então, desvendando ao olhar impaciente e cúpidô da humanidade assombrada, parece que esgotamos as nossas faculdades de descobridores, porque desde então para cá ainda não logramos descobrir a maneira de verdadeiramente nos entendermos.

Ora é optimo que falemos em Cervantes e em Camões e que lembremos constantemente aos que se vão seguindo na inexgotável corrente da vida os tempos quasi fabulosos em que os mareantes da Península, talvez por começarem a entrever as grandezas infinitas do Céu, pela compreensão de que cada estréla era um sol, sentiram a possibilidade de subordinar os oceanos às determinações da sua sciência de navegar, domando assim definitivamente o seu, até aí, esquivo planeta.

Mas não basta que nos deliciemos no campo ameno e protocolar das odes e dos elogios-mútuos, repousando sôbre alfombras sedosas, como diria o velho Platão.

Precisamos de entrar no campo prático e concreto dos interêsses comuns; e, se é justo que não esmoreça a admiração pelos homens de pensamento e de acção dos dois países, é útil, é necessario, por exemplo, que as duas capitais da Península se liguem por comboios frequentes e velozes que vençam o espaço que as separa no mínimo espaço de tempo; que entre Madrid e Lisboa, o telefónio constantemente nos lembre que Portugal e Espanha são dois povos vizinhos, são dois povos irmãos, ligados pela vasta rede tão confusa e emaranhada de grandes interêsses, que, para beneficio de ambas as partes, devemos deslindar, e, ao mesmo tempo coordenar e sistematizar; considerar que no solo dos dois países há fôrças inaproveitadas que a natureza pròdigamente lhe dispensou, que só esperam o momento de ser colhidas pelo homem que delas tão necessitado está, mas que na verdade continuam como fôrças perdidas, embora por si mesmas elas se desentranhem em luxuriantes promessas de riqueza e bem estar; trabalhar, emfim, para que se faça uma rasgada

política comercial em que os valores de produção dos dois povos, subirão notavelmente com a condição de passarem a pezar juntos na balança dos grandes mercados.

Escusado será dizer, meus senhores, que nenhum espírito culto praticará hoje, em Espanha, o êrro funesto de considerar Portugal com menos direito à sua completa, absoluta, eterna independência. Como seria êrro igualmente funesto que alguém, em Portugal, reforçasse as suas vistas políticas com illusórias e descabidas esperanças na desagregação das províncias cuja união constitue a forte nação espanhola.

Eu sou um patriota à moda antiga, tendo muita simpatia e respeito pelos que me são afins, mas amando acima de tudo, com um amor violento e quasi brutal, a sagrada independência da terra de que provenho. E, portanto, se não estivesse certo dos sentimentos da Espanha para com Portugal, eu não teria vindo aqui falar com a desenvolta satisfação com que o faço.

Também, — apresso-me a fazer-lhes essa justiça, — se os cidadãos espanhóis, que tenho diante de mim, não estivessem igualmente certos dos sentimentos de lealdade de Portugal para com a Espanha, não teriam vindo à cidade de que Portugal tirou o seu nome, trazer-nos, em palavras explicitas, os protestos de uma firme amizade.

E não se diga que os interêsses peculiares a cada um dos dois povos põe um limite avaro de resguardos e cautelas à solidariedade dos seus interêsses. Pelo contrário, Portugal e a Espanha só alcançarão um têrmo alto do Progresso, entrando definitivamente no caminho das máximas valorizações, quando de facto, ordenadamente, fraternizarem na sua obra de resurgimento. Isolados, os dois povos traduzem esforços que se vão exercendo à custa do próprio estímulo. É pouco. Solidários na forte expressão de um trabalho comum, representam duas fôrças invencíveis que, independentes, mutuamente se influenciem conjugando-se. É muito.

A Espanha é um grande país de vasto território continental com uma população forte e intrépida. Portugal tem em ricas e opulentas colónias a compensação do seu menor território metropolitano, e uma população laboriosa e tenaz. Nada tem que receiar um do outro, porque é sempre vantajoso a combi-

nação em que as partes constitutivas entram em pé de igualdade e lealmente.

É certo que estas coisas não se fazem como operações de mecânica, como quem ajeita peças de relojoaria, destinadas a marcar com antecipação, um espaço de tempo determinado. Fórmulas, cláusulas, compromissos tudo isto é cinza vã dispensável e dispersável, se não houver a estabelecer, amparar e animar as relações dos dois povos um grande espírito de compreensão dos direitos e deveres de cada qual e o sincero desejo, sem formalismos mas também sem incertezas, de fazer obra que perdure.

Precisamos de criar o espírito peninsular, ou, com mais propriedade, visto que êle existe, precisamos de o desentulhar, aliviando-o dessas camadas de esquecimento, em que anos e anos de indiferença o tem soterrado.

Existe o génio latino, unindo e inspirando um grupo de povos, que se orgulham da mesma honrosa origem e cuja alma tem resistido a todas as vicissitudes exactamente porque é impregnada no fundo idealista que caracterizou a civilização greco-romana, a nossa vigorosa e radiante ascendente longínqua.

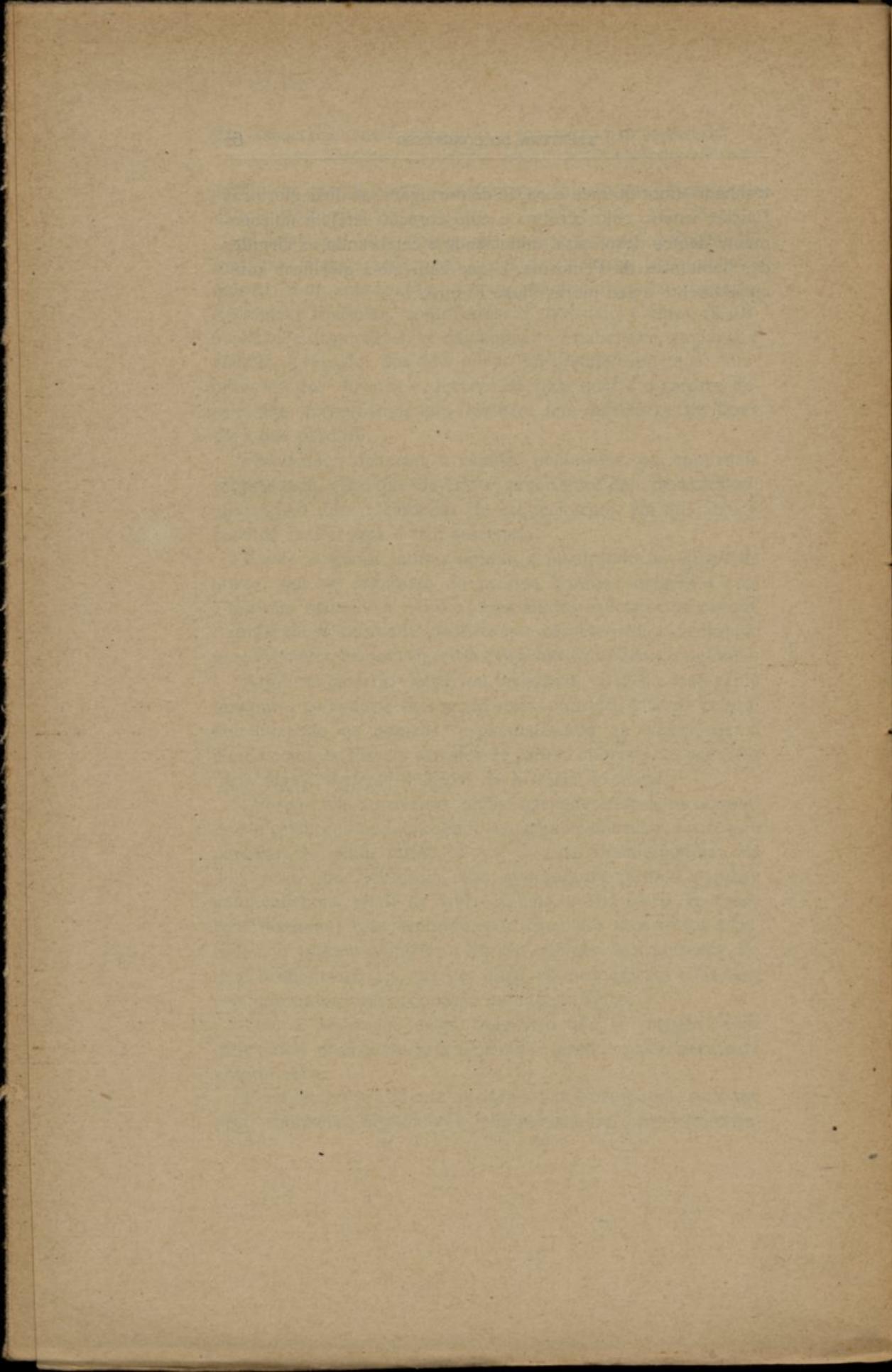
A grande guerra, despertou, avigorou, vivificou êsse génio que paira na história do mundo como um doce luar de beleza, humanizando os homens, espiritualizando as coisas, de si dando como se fôsem estrofes de cantos imortais, os aspectos mais sugestivamente poéticos da história do mundo.

¿Porque não aproveitar então engrandecendo-o, fortalecendo-o e celebrando-o, aquecendo-o, o génio peninsular, expressão parcelar do génio latino, e que é o património comum dos dois povos da Península, que, querendo ser a todo a transe independentes, tendo de viver à parte um do outro em casas bem distintas; mas sentindo, por cima dos seus tectos separados, o mesmo hemisfério do céu que aos dois pertence, no qual brilham estrélas que por igual, os deslumbram e faiscam sóis que na mesma proporção os aquecem?...

Que a realização dêste congresso que se inaugura hoje com tantas promessas seja o primeiro grande passo para essa grande obra.

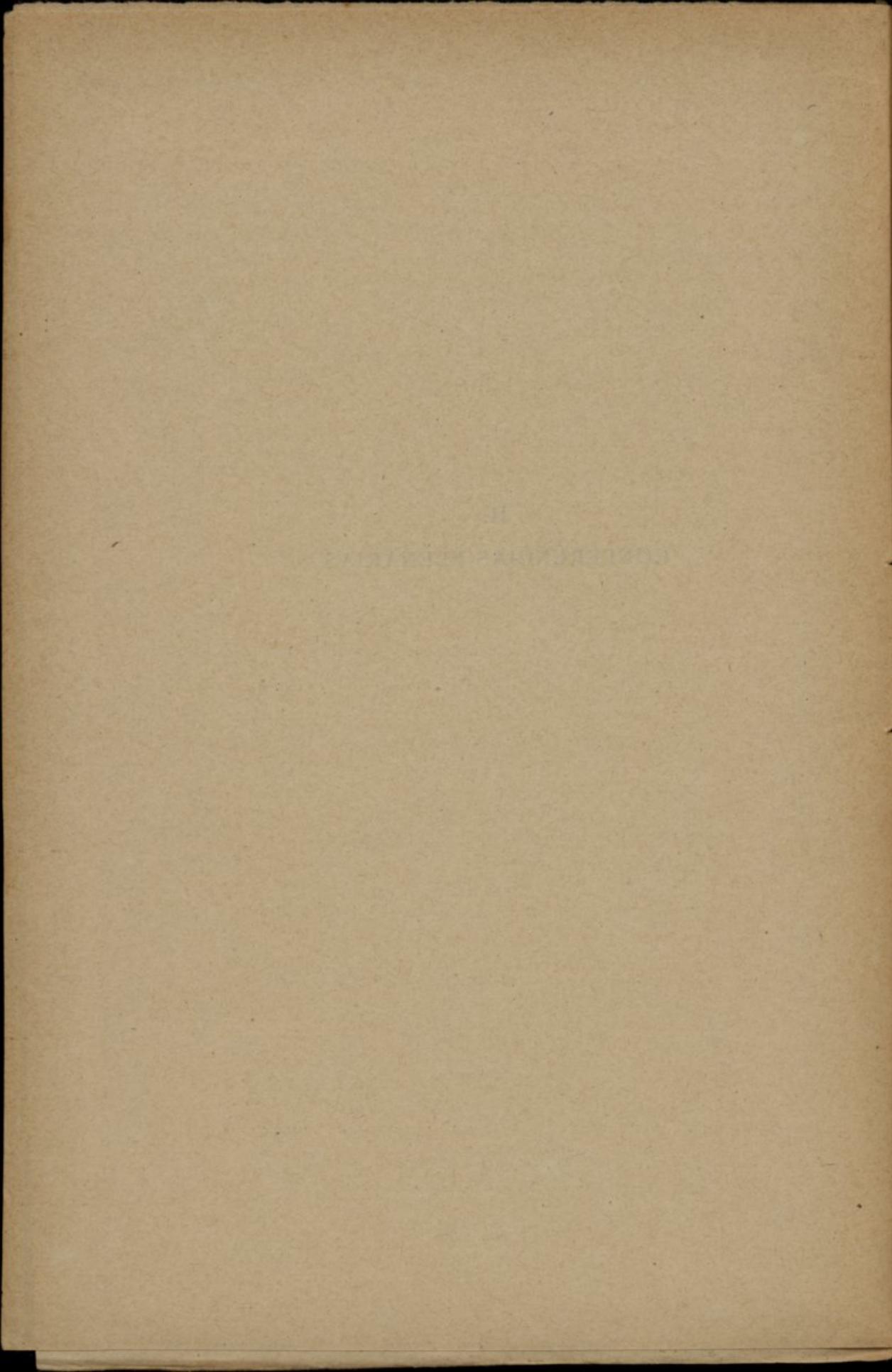
E eu, como presidente da República Portuguesa, sinto-me neste momento, orgulhoso e feliz por saudar, com todo o en-

tranhado amor do meu coração de português, as duas gloriosas Pátrias irmãs, cujo cérebro e cujo coração latejam unisonamente dentro desta casa, anunciando e celebrando as virtudes dos habitantes da Península, o que equivale a glorificar antecipadamente o seu maravilhoso Futuro.



II.

CONFERÊNCIAS PLENARIAS



A INTERCULTURA DE PORTUGAL
E ESPANHA
NO PASSADO E NO FUTURO

CONFERÊNCIA

DE

RICARDO JORGE

PROFESSOR NA UNIVERSIDADE DE LISBOA

O português, amador da gaia ciência, que, nado e criado neste mais velho rincão do país «Riberas del Duero arriba» fôsse no século XIII à côrte de Castela, onde tantos acudiam a terçar *cantigas de amigo, de escarneo, e serranilhas*, com os trovadores da aula régia de Afonso o Sábio, sem embaraço na sua língua falaria e versejaria. À roda do monarca, organizador da actividade espiritual da Espanha, como D. Dinis, seu émulo em poesias e letras, o foi em Portugal, modulava-se o idioma galego-português, literariamente preferido ao castelhano pela sua flexibilidade graciosa e pelos primores artísticos transsumidos do provençal trovadoresco, à imitação do qual desabrochava nas ribas do Sar e do Minho, com mais pujança ainda em Portugal que na Galiza, uma escola lírica, repositada nas antologias dos cancioneiros primitivos, onde o rei castelhano, o mimoso compositor das *Cantigas de Santa Maria*, se inscreve como corifeu.

Se mais de três séculos andados arribasse a Espanha o adventício de Lisboa, a amada cidade de que Lope de Vega decantava os passeios, teria ainda o orgulho de divisar por toda a parte portugueses em grandeza culta: poetas e escritores nos cenáculos madrilenos, professores nas cátedras salamanquinas, validos e médicos de câmara na côrte filipina. A

língua não esquecera, mas substituíra-a havia muito o castelhano, no auge da sua supremacia idiomática. Língua imperante na esfera intelectual, todo o português ilustrado a sabia manejar de palavra e pena, como quem nela se creara e instruíra — *la lengua en que quasi nos creamos*, exclamava o ilustre médico Jorge Henriques. Esta hegemonia não oblitera todavia as letras e as sciências produzidas em Portugal, nem os seus homens representativos; bem pelo contrário abraçam-se e irmanam-se com o que de melhor brota na gleba castelhana. A civilização hispânica aparenta um tronco comum com duas raízes regionais.

Outro rodar de três séculos e estamos na actualidade em que a scena muda de todo em todo. Portugueses já quasi não demoram por terras de Castela; das brandas modalidades fonéticas da língua de Camões não há completa compreensão auditiva, e mal iria ao trato da conversação se a evolução lingüística as não talhara tão parelhas. Por outro lado a nossa musculatura vocal, destreinada para a maior parte, mal se atreve à articulação, rude mas aberta, da enérgica e clara língua de Cervantes.

E aqui está porque dou o desgosto, e passo pelo desgosto, de não me exprimir na linguagem sonora de tantos dos que me ouvem e de quem me queria fazer perceber melhor. Deploro não poder imitar glòticamente o grande épico, consagrado de sempre como o príncipe-poeta das Espanhas, quando dizia: escutai quam bem que sôa a fala castelhana.

Ah, mas o peor não está nesta relativa inaptidão, neste apagamento do bilinguismo doutro. É que vivemos tão apartados ambos, espanhóis e portugueses, como se os panos duma muralha da China nos vedassem a raia, sem portas nem postigos. Hoje que êste congresso de mutualidade espiritual, coroando os esforços pertinazes dos que lá e cá se teem devotado à cruzada da fraternização scientifica da península, vai abrir uma brécha vitoriosa na rocha dêsse muro fronteiro, devassando-o e aluindo o, abalanço-me a encarar de relance as relações intellectuais dos dois países ibéricos, tais quais elas foram outrora durante séculos para o bem e glória comuns, tais quais devemos desejar ardentemente que elas retornem — relance fugidivo e breve, um escorço mal talhado, tolhido pela

pouquidade do saber de quem fala, a quem os mestres presentes perdoarão generosamente o ousio, e até pela pouquidade do tempo, escasso de si para tamanha empreza. Releve-se pela virtude da rememoração dêsse passado que nos trará consolação ao presente e esperança ao futuro — *Ex praeterito spes in futurum* — uma lição moral impregnada da autoridade gloriosa dos nossos maiores e da solenidade nobre dos tempos.

*

•

MEUS SENHORES. — Nos quais tempos não havia uma Espanha só, havia as Espanhas — inscrição colectiva dos povos incolos do quadrado irregular de terra, que, pegado ao continente pela costura dos Pirineus, se circunda pelos dois mares — o Mediterrâneo, o mar estreito da civilização antiga — o Atlântico, o mar vasto da civilização moderna, que num avanço heróico rondamos e varremos de fora a fora. Volte-se ao denominador onomástico comum, tanto mais quanto há meio de evitar confusões melindrosas de nacionalidade: chame-se *Hispania* à península, *hispano* ao seu habitante onde quer que demore, *hispanico* ao que lhe diz respeito. O papa João XXI, português de Lisboa, afamou-se como mestre e praxista das escolas medievais, com a rúbrica de Pedro Hispano. O Fernando de Bulhões, *il Santo* de Pádua, também glória do berço lisboeta, se dizia de côr hispana. O portuguesíssimo judeu de Castelo-branco, Amato Lusitano, um dos grandes mestres da Renascença Médica, a cada passo se apelida hispano, envaidecendo-se aliás do ninho seu paterno e das façanhas dos seus compatriotas lusos. Não desfaz no fôro nacionalista, nem implica com o país que a cada um pertença; é um apelativo histórico-geográfico tal como para as nações da península setentrional da Europa o de escandinavo.

Nas terras portuguesas apoiou um dia o embrião dum reino, gerecido da ambição dum governador de condado e da lealdade dos seus barões. Cresceu e arredondou pela conquista feita de roldão, terras de moiros dentro, e quando o senhor de Leão e Castela quiz subjugar à fôrça o país que da suailharga irrompera e evolvera, encontrou-o virilizado e

empoderado; um santo e um herói, de espada fulminante como o arcanjo, prostrado no campo de Aljubarrota a supremacia castelhana. Portugal era e ficou sendo uma nação, consciente dos seus destinos, feita e refeita de corpo e alma, para viver de cabeça erguida ao sol da história.

A esta segregação, a que presidia como factor bastante e legítimo a vontade dum povo, creada e fortificada pela vida histórica, quizeram-lhe os sábios apôr o selo infrangível duma origem remota e nativa. Antiquários patranheiros foram-nos entroncar nos filhos de Noé ou nos heróis da guerra de Troia, arribados às nossas praias — Portugal vinha direito e inteiro, já do ciclo bíblico, já do ciclo troiano. Não era Compóstela a terra do apóstolo Santiago, e Lisboa a cidade de Ulisses? Os classicistas eruditos vieram nos enfeitar com a divisa de lusitanos como carta de nobreza romana e preromana, defectivamente autenticada com textos vagos de Estrabão e com as marcas administrativas do império cesáreo. Ficou como um simples apelativo de convenção ou de necessidade para a designação dos povos íncolas da proto ou da pre-história. No fundo, não julgo que maior acepção tenha na monumental obra de Leite de Vasconcelos sôbre as Religiões da Lusitânia.

Apesar de Herculano ter dado golpe certo nestas velharias, renasceu o mesmo propósito de nos buscar uma ascendência etnológica privativa e singularizada, apartada dos demais povos ibéricos; às invenções pseudo-históricas sucediam-se os devaneios pseudo-científicos. Sempre o prejuízo, apontado por Gumplowicz e outros; a unidade colectiva, resultante dum processo histórico, a produzir a ilusão duma unidade primitiva antropológica ou racial. O casticismo, como chave de diferenciação psico-social e démica, deu de si abstrusões tão embrenhadas de fantasias e quimeras, que fizeram cair o mais formal descrédito sôbre tais sistematizações. Que malabarizações de conceitos e palavras se têm jogado sôbre o dólico-loiro e o dólico moreno! Que de artimanhas para provar que as glórias da Ibéria se geraram do sangue godo e as suas misérias do celta e do semita! Woltmann foi-se aos nossos grandes homens dos tempos doirados e enfileirou-os entre os germanos; Camões, como o Dante, veio-nos em linha recta de além-Reno. Quem quizer saber do passado

e do futuro dos povos, não tem mais que lêr-lhos na cabeça e nos cabelos, tal como o chirólogo a sina nas linhas da mão. Peor é quando estas extravagâncias saltam para o domínio das directrizes políticas, quando uns entendem que hão-de dominar os outros porque teem o privilégio da nobreza de raça, quando se alçam etnarchias autenticadas na marca craniana e no pigmento piloso, ou quando nos pretendem infligir inferioridades ineluctáveis por estigmas somáticos. O que valem êsses racialismos, mostra-o o exemplo flagrante do Japão, terra bárbara onde o nosso S. Francisco Xavier levou primeiro as luzes do Ocidente, o Japão que de chofre e em cheio absorveu o conteúdo material e scientifico da civilização máxima.

Se em parte alguma da Europa há raças puras, muito menos neste seu calcanhar occidental, onde tantos povos successivamente se acamaram e amaçaram numa mescla indetrinchada — o verdadeiro caos étnico. Querer que a facha atlântico-portuguesa seja o logradouro duma raça extra-hispânica que já lhe tem sido expressamente encontrada com títulos e tudo, como garantia originária da sua independência nacional, sôbre não passar duma criação imaginária toca no absurdo e até no ridículo; mal vai ao patriotismo que se alimenta destas abusões. A pátria portuguesa não carece, para firmar-se indestrutivel dos esteios mais que frágeis de tais ideologias. Está no sentimento autonómico que hereditariamente de nascença nos embebe o espirito. Do *humor* dos portugueses falava Cristóvão de Moura — e êsse humor enriqueceu-se atravez das gerações de sangue em sangue — permita-se a metáfora médica — de elementos activos de defeza orgânica contra o infestamento antigénico. Atravez de todas as calamidades, de todas as versatilidades, de todas as fraquezas, e de todas as sujeições, o amor da independência estua cada vez mais ardente no coração dos filhos de Portugal. E tanto basta para que uma nação possa e deva existir e perdurar.

No mais somos hispanos, hispana é a terra, hispana é a gente. O mesmo tom geral cora, o mesmo traço geral vinca, a feição desta e das outras populações peninsulares; sem quebra, bem entendido, da caracterização secundária que as individua no âmbito da grande familia ibérica. Mesmo dentro

de cada ramo regional ou populacional se notam diferenciações subordinadas, v. g. em Portugal entre as zonas do norte e do sul, e até entre província e província. Esta homogeneidade global entre as duas nações aduz-se da própria unidade da história peninsular, apesar da dualidade política reinante; os mesmos avatares, o mesmo erguer e descer, o mesmo fado sincronicamente inscrito no livro dos destinos. «Ninguém busque, diz justamente Oliveira Martins em relação a Portugal, o sistema dum desenvolvimento próprio e orgânico, obedecendo a leis particulares, e constituindo no seu todo aquilo a que se chama uma civilização; por êsse lado aparecemos indestrutivelmente ligados ao corpo peninsular, e, apesar de politicamente separados, obedecemos às leis gerais que lhe determinam a vida histórica. O conjunto dos nossos pensamentos morais, o carácter dos movimentos que compõem o sistema do desenvolvimento das instituições, o das condições das classes, e até as linhas gerais da nossa vida política, são apenas um aspecto do sistema da história da península ibérica».

A geomorfologia concretizou no solo hispânico um agregado de rochas e terrenos primitivos que constituiu o núcleo permanente da península através das idades geológicas; é a meseta castelhana. A êste centro estrutural como que correspondeu dêmicamente um centro funcional. Dessa alta chapada de Castela escorre um fluxo dominador intelectual e social por sobre todas as regiões hispânicas — uma hegemonia da mentalidade, da cultura e da língua castelhanas, sobre que cada um, conforme as tendências do seu espírito, poderá emitir um juízo histórico de assentimento ou dissentimento, mas que é um facto da mais inteira e incontestável evidência.

«A civilização de Castela, escrevíamos nós há anos⁽¹⁾, dominante em toda a órbita da península, irradiava até fora dela. Sobre a França o castelhanismo exerceu o mais patente influxo; a sua grande literatura, desde Montaigne e Brantôme a Corneille e Molière bebeu à farta na fonte hispânica. Inde-

(1) Francisco Rodrigues Lobo, 1919.

pendente ou sujeito, Portugal era por dentro e por fora seu fôro dominial; social e mentalmente, copiava o figurino de Espanha, em tudo — nas artes, nas letras, nas sciências, nos usos e nos costumes. Salvas, quando as havia, certas feições particularistas, a fisionomia geral da nação funde-se no padrão espanhol. Verdade por tantos modos evidente, mal encoberta por uma falsa e incompreensível vaidade nacionalista.

«A cultura espanhola impôs-se ao nosso reino com um ascendente superior ao da cultura francesa no século passado. Política separatista à parte, ciosos como fomos quasi sempre da nossa independência, vivíamos no mimetismo das ideias e do gesto castelhano. Para a vida intelectual a fronteira é como se não existisse. Portugal fazia-se parcela da Espanha, sujeitando-se à sua hegemonia infrangível. Dava-nos o tom à alta sociedade a cortezania espanhola; a côrte de Lisboa regulava-se pela de Valladolid ou de Madrid, donde a seguir importamos princesas e rainhas; a fidalguia portuguesa buscava viver à lei da nobreza de Castela. Bebíamos a instrução na universidade espanhola, a famosa Salamanca, associada depois a Alcalá; essa que não Coimbra, sempre sua humilde satélite, foi a *alma mater* da escolaridade nacional.

«Centro superior de cultura, Castela exercia uma verdadeira absorção sôbre as aptidões e talentos de toda a espécie. De Portugal emigraram poetas, historiadores, comediôgrafos, músicos, artistas, médicos, professores, políticos, etc., encontrando lá o acolhimento que lhes negava a rudeza indígena. Como não haviam de castelhanizar-se? Mas, graças a essa hospitalidade, o nome lusitano rebrilha em Espanha nos tempos do maior esplendor. Nas cátedras salamanquinas sentam-se a oito lentes portugueses. Médicos, quantos não ficam por lá; só na côrte de Filipe II se contam dois cirurgiões da nossa terra, e grandes titulares de Castela teem portugueses por médicos cubiculários. A nossa literatura científica, ainda mais que a comum, se imprega do meio e da língua; quando não é o latim, emprega geralmente o castelhano. Lá, em vez da mesquinhez natal, o talento encontra a sombra protectora das grandes casas e dos grandes prelados, dos Mecenas ricos e ostentosos, favorecedores poderosos das artes e das letras. Mas o cérebro português contribuiu grandemente para a glória

espanhola; se muito lhe devemos, saldamos a dívida honrosamente num opulento tributo de homens e de obras».

Do meado do século XIII ao do XIV ninguém sonharia sequer no ascendente literário da língua, quando, por via da expansão admirável da língua luso-galaica, de sainete ao mesmo tempo culto e popular, esta gosava dum esplêndido triunfo, impondo-se como instrumento verbal, ao menos no domínio da poesia, às classes instruídas e cortezãs da Espanha. O século XV desbarata esta fortuna transitória; agora é o castelhano que sobe a língua primaz, que arrasta na sua esteira vitoriosa os próprios portugueses. No discorrer de mais de dois séculos, numa fileira escritural balizada, como cerrafilas de estatura, pelo condestável D. Pedro no começo e por D. Francisco Manuel de Melo no cabo, onde se destaca o que de melhor e maior deu de si o torrão e a grei portuguesa, a pena indígena tanto riscava letras no idioma reinol como no raiano.

É o singular fenómeno do *bilinguismo*, tão questionado, tão mal deslindado na sua causalidade, tão mal compreendido e até infamado pela censura acerba dos chauvinistas. Castelhanizam, tanto os que emigram para a Espanha, como os que ficam apegados ao torrão; a mesma Lisboa se torna oficina tipográfica de obras espanholas. Faz-se ideia do que fôsse este império do literatismo não-vernáculo, folheando dois livros compendiosos, devidos por sinal a dois médicos portugueses, ambos possuídos da paixão erudita: um, o *Catálogo razonado de los portugueses que escribieron en castellano*, de Garcia Peres, onde se arrola meio milhar de autores, re-censão aliás incompleta do grande caudal literário por nós vertido em Espanha; outro, a memória sobre a *Literatura espanhola em Portugal*, de Sousa Viterbo, bibliografando quanto pôde alistar de obras castelhanas impressas nos prelos portugueses. Lisboa apressa-se a reproduzir pela estampa os primores literários de além; edições príncipes trazem mesmo a sua marca, e assim foi que em Portugal viu a primeira luz entre outras a segunda parte da célebre novela picaresca de Mateo Aleman, *Gusman de Alfarache*. O ilustre erudito ao menear a pena pelos interlaçados das duas literaturas não vacila em dizer: «Temos por nós que, longe de ser uma

inconveniência ou uma leviandade, será até um acto de patriotismo inatacável o demonstrar qual o grau de influência civilizadora que mutuamente se têm exercido as duas mais importantes nacionalidades da península, mostrando qual a parte com que cada um tem contribuído para afirmar a exuberância vital da raça ibérica; o confronto não nos será humilhante, antes nos será glorioso, principalmente levando-se em linha de conta a proporcionalidade dos nossos recursos». Nesta derrota em que vamos, palavras assim dão alôr para o prosseguimento.

Há entre nós o sestro errado de atribuir o bilinguismo à presença e influência de princesas espanholas nos paços de Lisboa, creando por moda palaciana uma academia cortezanca de cultura castelhana. Ora em permuta recovávamos nós também para Espanha princesas com séquitos brilhantes, e muito embora essa passagem deixasse rasto de costumes e vocábulos, conio se vê nas *Meninas*, retratadas por Velasquez, a tudo e a todos a ambiência absorvia e assimilava.

Donde vinha então esta atracção irresistível? Da própria língua primeiro; a verdade é que pelos quatrocentos fóra o idioma de Juan de Mena e Santillana de tal modo se refizera e pulira, tanto se remontara em labores literários, que ao rival português sobreleva em expressividade plástica para efeitos de arte. Que o testemunhem a prosa da *Celestina* e o verso das *Coplas* de Jorge Manrique — soberbas obras primas para todos os tempos e para toda a parte, ambas na ideia e na forma, no contexto e na elocução, cartas autênticas de nobreza de casta para a literatura que teve a dita de dar à luz essas esplêndidas creações inaugurais. Dois casos anedóticos mostram quam extensa e profunda foi a sua voga em Portugal: A *Celestina*, prototipo do romance realista, a cada passo citada, nomeada, e até impressa, chegou a ser lida ao povo por um ferreiro numa igreja de Bragança na sexta feira de endoenças de 1521 — conta-o o autor do *Palmeirim de Inglaterra*; as coplas de Jorge Manrique, treno magoado à morte dum pai, harmónico e belo como um trecho musical, dizia alguém, nada menos que o fero português D. João II, que todo o homem de bem que se prezasse, devia sabê-las de cor — e incontinenti o seu escrivão de puridade, o ilustrado Garcia

de Resende, recita o *Recuerde el alma dormida* até ao cabo do rosário magnífico das estrofes.

Uma língua assim amplamente avançada na evolução locutiva e na evolução artística, que admira se impusesse aos homens de cultura e gosto? Os maiores se embeveciam na sua magia; Gil Vicente dizia que todo o lavrante da ficção de arte

«na castelhana linguagem
achará quanto pedir»,

e Camões, o «tesouro do luso», advertia ao seu interlocutor da egloga

«escuta um pouco, nota e vê Umbrano,
quam bem que sôa o verso castelhana»,

de ouvido posto nas melodias métricas do seu mavioso mestre Garcilasso.

Ao tempo que o castelhana, desbastado e amoldado por mãos de mestres, adquirira a plenitude morfica e estética, o vernáculo jazia em relativa bruteza, rude e desacepilhado. Sá de Miranda esforça-se em vão por domar-lhe a braveza ao querer dobrá-lo às formas poemáticas da escola italiana; no que poetou em *stil nuovo*, bem melhor se sai na língua emprestada que na materna. Mas a inferioridade caduca breve; para glória do génio português os quinhentistas, tomados de emulação, quasi todos sem quebra da irmã mais adiantada e mais rica, não descançam emquanto não adereçam a língua natal com os mesmos dotes e valias. Tanto os poetas e prosadores, como os gramáticos e retóricos, exaltam-na à compita com justo orgulho nativista, até que, como dizia o seu entusiasta António Ferreira,

Senhora vá de si, soberba e altiva.

A arte e a língua castelhanas não decoraram apenas, como um postiço de moda, a roda distinta dos cortezãos e letrados; conquistaram a roda vulgar, derramando-se por todos os ouvidos e bocas, graças à exuberância duma criação característica de Castela, o *romance* poético, que, desabrochado por

metamorfose evolutiva dos antigos cantares de gesta, bafejado apaixonadamente pela musa plebeia e pela palaciana, se propaga com fúria expansiva por todas as regiões hispanas.

Esta epidemia literário-musical que grassou com o máximo furor mais de dois séculos, abre brecha em Portugal pela estrema e pelo centro, pela gente da raia e pela roda da côrte, e com tal feliz ímpeto que os romances se tornaram dentro do raio luso tanto ou mais populares que no berço de Castela. Os seus centões formigam nos nossos autores, tanto se tinham trivializado. Endemizam-se, nacionalizam-se, apertuguesam-se, arreigando-se tão fundo nas entranhas das gentes que ainda hoje a sua toada se repercute nas quebradas das serras e nos telhados dos casais. O romanceiro, criado pelo génio castelhano, colaborado e afeiçoado pelo génio português, espraiou-se pelas plagas remotas onde os fados de vagamundo nos guiaram: pelas ilhas do Atlântico, pelos domínios da América, pelas judiarias do Levante, por toda a parte onde enxameou o nativo da Hispânia, aí o ficou cantando em tradição tenaz, estima inapagável do passado racial, voz saudosa da alma peninsular.

Quaisquer que fôssem as suas excelências escriturais, gozava o castelhano duma superioridade indisputável, a preeminência de língua mundial, assegurada pelo imperialismo político da Espanha, na posse directa ou no contacto íntimo dos centros de cultura — o italiano, o flamengo, o francês e o germânico. Tinham largo âmbito de difusão e leitura as suas obras, e maior ainda pela vulgarização das traduções que delas se faziam à flux nas línguas predominantes. Vertia do espanhol o alemão, o inglês, o mesmo italiano e sobretudo o francês. Paris era uma fábrica de tradutores que despacham à ufa as novidades literárias de todo o *acabit*, mal vinham a lume montes àquem; essa a via capital por onde as letras hispânicas derramaram a sua glória e influência. A língua mesma lá se aprendia correntemente em cursos, métodos e diálogos de ensino, como ilustração apetecida, a ponto de Cervantes dizer com exagerada jactância que em França — «ni varon ni mujer deja de aprender la lengua castellana». Junte-se o prestígio dos homens excepcionais que a península, pródiga de supe-

rioridades, despachava para as cátedras dos mais afamados colégios e universidades pela Itália, pela França, pela Inglaterra, e pelos Países-Baixos.

Por via da nossa irmã mais afortunada em posição, se facilitou o acesso das obras portuguesas ao cosmopolitismo. A Espanha traduz os nossos versistas e prosistas. Duas vezes domina o génio português no gosto literário da Europa, primeiro nos livros de cavalaria, depois nas novelas pastoris; os padrões do género que lhe criaram o favor geral, são retintamente portugueses, para aqueles o *Amadis de Gaula* de Lobeira e o *Palmeirim de Inglaterra* de Francisco de Moraes, para estas a *Diana* de Jorge de Montemor — mas a todos o castelhano serviu de passaporte para a celebridade mundial.

Arriscava-se então como hoje o livro português a ficar no limbo escuro pela língua do meio; Faria e Sousa dizia servir-se da língua extranha para que os seus escritos não ficassem engavetados, e essa sua tendência, apesar dos censuráveis erros e vícios do autor, contribuiu esforçadamente para a vulgarização dos feitos lusitanos e para o resplandecimento da cabeça épica que os decantou com a mais sonora tuba da idade moderna. Os cientistas invocavam razões semelhantes às dos letrados: Pedro Nunes, ao editar a *Algebra*, aduz que primeiro a redigira em português, mas depois a passara ao castelhano por ser mais comum, e Pedro Teixeira nas *Relaciones* vai nas mesmas águas «jugando que en esta lengua quedava más comunicable, y mi patria antes recibia servicio que ofensa».

Assim entrançadas, como desvencilhar as pertenças duma e doutra literatura? De que pode valer aqui a diversidade de língua? Razão tem Menéndez Pelayo quando olha superiormente as letras de cada região e de cada idioma como formas integrantes dum todo único, como expressões de variedade zonal e lingüística duma unidade literária imanente.

As duas literaturas discorreram ao mesmo compasso, por igual faseadas e polarizadas. Na manhã radiante dos quinhentos, o renascimento poético desabrolha com Boscan e Garcilasso; vai-lhes no encaço o nosso Sá de Miranda, que ao lér os Dioscuros de Castela se toma do empreendimento de revolucionar a métrica nacional pela arte do padrão italiano.

Na tarde ensombrada dos seiscentos, a mesma degenerescência de composição e estilo nos invade — o culteranismo, mal chamado gongorismo, de influxo castelhano, é certo, embora com raízes autóctonas, mas engravecido entre nós numa peste escritural ascorosa, derrancada até ao fedor da putrilagem.

No transcurso dêsse dia secular de brilho sem névoa, disputamos o luzimento das letras. A musa branda e cadente de Garcilasso, o trovador apaixonado de D. Isabel Freire, a portuguesa dama da imperatriz, mestreia a de Camões, aventureiro como o seu mentor, floreador de espada e pena: mas ultrapassa o modelo o epigono, lírico que se remonta à plana dos maiores de todos os tempos, épico por excelência que traça em estrofes de oiro a glória da sua pátria, e renomeia no universo o brasão das Espanhas, que o reverenciaram sempre na mesma idolatria. O espírito dos *Lusiadas*, diz bem Menendez Pelayo, «no es solo portugués, es eminentemente español porque tendencia y lei general de la raza iberica fué en los ultimos años del siglo xv el extender-se por mares nunca dantes navegados, llevando la fé y la civilisacion a los extremos del orbe». E Oliveira Martins emite juízo análogo: — o poema de Camões é «o testamento da Espanha», «é o interprete da civilização peninsular perante o mundo», «a essência do génio ibérico».

A lírica portuguesa gosa do voto crítico de preexcelência sôbre a castelhana. Soubemos dedilhar a corda da lira com muito mais efusão de sentimento e ternura. Uma sensibilidade patética, que vai até à hiperestesia, imbuída de melancolia e de saudade — o mágico vocábulo do lusíada de que o castelhano perdeu o parêlho —, espiritada pela paixão amorosa, ansiada até à obsessão erotomaniaca. Essas tristuras do coração, êsses queimores do peito abraçam toda a poesia nacional, ou ela rebente na alma singela do povo, ou ela refine no espírito culto dos letrados. Êsse morrer de amor, êsse estertor de saudade, êsse coração insaciado e infeliz, ponteia de notas atormentadas a poesia popular, como diz D. Carolina Michaëlis, desde as lamentações da *Triste vida do marujo* e do *Arrependimento da freira*, desde as quadras de candura emotiva, perfumadas do ar dos campos, ao fado doentio e empestado que se plangeia nas alfurjas das cidades.

Fonte inexgotável de lirismo, manando cada vez mais cristalina... Que o digam os poetas que encarnam o parnaso actual português, escola admirável de trovistas, que, sem desfazer, não tem hoje par em toda a Espanha, nem talvez no seu género em parte alguma.

Essa sentimentalidade animou ainda o espírito novelesco. Do nosso punho saiu — a exegesse crítica depois de muito contrabater consagrou essa autoria — o ultra-famoso *Amadis de Gaula*, que deu volta a todas as cabeças e a todo o mundo, espécie de bíblia universal profana, ao qual viemos a apensar ainda a sua melhor seqüela, o *Palmeirim de Inglaterra*. Desta série livresca de cavalaria, onde preeminaram as ficções modeladas pela matriz lusa, saiu por contraste a sátira cervantina do *D. Quixote*. Operamos ainda o trânsito da novela cavaleiresca para a novela pastoril, mais embebida ainda de sensibilismo. Inventámo-la nós com as *Saudades* de Bernardim Ribeiro, alucinado desditoso de amor, chamado justamente o *preromântico* — invenção de cunho nativista, embora influenciado pela predecessão cavaleiresca, pelo exemplo italiano do Sannazaro, e sôbretudo pelos ensaios espanhóis, romanceados à moda de Bocácio, da *Carcel de Amor* e da *Question de Amor*.

Mas a novela bucólica por excelência, a que fez época e moda, foi a *Diana* do Jorge de Montemor, composta logo em castelhano, que acendeu uma explosão de frenético entusiasmo por toda a parte onde a levaram as inúmeras edições e traduções. Livro e autor andaram no galarim. Um padre de Leon, ao ler o evangelho à missa, chamava-lhe o mais florido engenho de Espanha; e Filipe III ia pessoalmente visitar a dama envelhecida que passava por ser a heroína da novela. Largamente editada em Portugal e Espanha, fecundou a todas as literaturas, gerando a *Astreia* de Urfé e a *Arcadia* de Sidney e influindo poderosamente na veia novelesca da espécie sentimental dos séculos xvii e xviii.

Primamos nesse género, acorde com o nosso temperamento nacional, de passionalidade subjectiva, de vaguidade estésica, de erotismo platónico, simples mas convencional, idealizado e estilizado, a descair na pieguice e na lamúria artificial, prelúdio dos estos affectivos do romantismo; mas não soubemos

afrontar a via realista, esplêndidamente auspiciada e trilhada pelo engenho castelhano — a pintura observacional da gente, dos caracteres e da vida comum, de que saem quadros impressivos e fortes — *Celestina*, *Lazarillo de Tormes*, *Gusman de Alfarache*, *Marcos de Obregon*, *Gran Tacaño*, *Diablo cojuelo* — o genero humoral apelidado picaresco.

Àquem raia, não se enxerga vulto sequer dessa feição brilhante, nem vislumbre apresentável da novela cervantina. Enfileiramo-nos apenas no cortejo da cega admiração universal, perante o deslumbramento daquelas *Novelas exemplares* e dêsse *D. Quixote* — facho que fulgura sôbre os espíritos como o sol sôbre os mundos, luzindo perpétuamente sem quebras nem reservas para consolação de todos. Onde haverá livro mais lido e mais digno de ser lido? Desta criação humana por excelência, regalo e lição sem fim, dizia Flaubert a George Sand não haver nada mais belo, e assim o aclamam sem discrepância tôdas as gerações e todo o universo. O ser monstruoso chamado homem — que um diz se desregrou das normalidades da série zoológica — ali se escorça nas misérias e nas grandezas que travadas enleiam os contrastes da sua existência aberrante: — a animalização egoísta, prudente, cerrada, comodista, e ganhuceira, de olhos baixos para a terra, — e a heroização altruísta, arrojada, abnegada, fervorosa, alucinadamente fita na visão e na miragem. A sístole e a diástole da pulsação cardíaca do homem e da humanidade. Como se compreende o dito agudo e paradoxal do Hipócrates inglês, do grande Sydenham, quando perguntado por um discípulo sôbre o livro que devia ler para completar a sua educação de médico, respondeu — leia o *D. Quixote*, que nunca deixo de reler. Livro de cabeceira de médicos, como prodígio de observação que é das falhas radicais do ente que oferece à medicina a contemplação dos seus percalços físicos e morais.

Quási nos vedamos o ádito dêsse domínio supremo de arte — a fina fantasia literária trabalhada sôbre o estrito verismo. Os portugueses vieram a mostrar-se falhos nas faculdades inventivas para a ficção novelesca; essa mácula só foi delida, meado além do século XIX, graças à fecundidade robusta da novela camiliana.

Igual inopia para o género parelho do drama. Mas aí, na

cepa grossa das pastoradas do Juan del Encina, entalhamos um enxêrto tão viçoso e luxuriante que a raiz ficou sumida. É a comédia e o auto de Gil Vicente, creações ingénuas, mas a palpar de frescura e carácter, filhas dum espírito livre e original, enseivado pelo torrão natal e florescente de lirismo. Artisticamente superior em concepção e beleza ao coetâneo de Castela, Torres Naharro, a sua herança vai direita às mãos abençoadas de Lope de Vega e Calderon, os assombrosos engenhos da dramaturgia espanhola. Apenas um ou outro português se divisa como nome terciário, entre o rebanho de comediógrafos que inundaram de produções os teatros madri- lenos. Uma colaboração modesta e apagada nessa fulguração culminante da literatura castelhana, que tem a glória indisputável da criação dos grandes géneros literários modernos, o drama e o romance.

Contente-nos a preexcelência da nossa poesia lírica e a riqueza do nosso elenco historial, desde o primitivo Fernão Lopes, a João de Barros, a Diogo de Couto, a fr. António Brandão, e a D. Francisco Manuel de Melo, o autor sempre festejado das *Guerras de Cataluña*, um clássico da prosa castelhana, modelo inicial da narrativa histórica moderna.

Do profano ao místico, libramo-nos também ao sétimo céu onde os arcanjos sopram o fogo divino das almas predestinadas. De lá Tereza de Ávila e Juan de la Cruz, de cá Heitor Pinto e Tomé de Jesus, à compita da unção e do fervor sublimados nas letras seráficas. Luis de Granada, o padroeiro dos pecadores, ilustra os altares portugueses. Trocamos santidades e virtudes, acrisoladas no ardor do bem crer e do bem fazer, obreiros sociais da cristandade. Veiu-nos de Espanha o fr. Miguel de Contreras, o benemérito instituidor das Misericórdias, junto da rainha D. Leonor, e o S. Francisco Xavier, o apóstolo das Índias, o evangelizador do Oriente, o caridoso espiritual do gentio — facho de luz redentora alçado sôbre as misérias, crueldades e corrupções da conquista da Ásia. De cá foi o mendicante dos pobres, a providência desvelada dos enfêrmos, agasalhando-os, tratando-os e defendendo-os, S. João de Deus, que desde Granada difundiu as instituições hospitalares pela Espanha inteira.

Para as irmãs das belas-letras, as belas-artes, o meio luso era-lhes menos fagueiro que o castelhano, vivificado de perto pelos focos artísticos da Itália, da Flandres e da França, alimentado pelo diletantismo inteligente e opulento dos monarcas, dos prelados e dos grandes. Produzimos todavia um primitivo de génio, alçado agora aos maiores do seu tempo, Nuno Gonçalves, o pincelador extraordinário das tábuas de S. Vicente; e um preceptista agudo de arte, um evangelista da renascença italiana, Francisco de Holanda — vulgarizado por Joaquim de Vasconcelos, e do qual nos trouxe Elias Tormo como mimo a êste congresso a versão espanhola. A Castela fornecemos dois artistas de escol, o escultor Manuel Pereira e o pintor Sanches Coelho, retratista admirado, antecessor influencial de Velasquez — Velasquez, o artista máximo de todas as eras, em cujas veias pulsavam glóbulos portugueses. Arquitecturalmente, invadiam-nos as mesmas correntes estilistas que vogavam em Espanha; o sainete nacional do manuelino forma uma variante regional do plateresco.

Aspam os ódios políticos a intrusão filipina, como quadra renegada e negregada em que o despotismo espanhol fez detrair e decaír as letras pátrias, um entrevecimento promovido pelos opressores para extirparem o nacionalismo pelo tolhimento da língua e da educação. Brade-se, sim, contra a injustiça da opressão política, mas não se refalem logares comuns, forçados às cegas pelos prejuízos patrióticos. «O jugo de Castela, diz acertadamente Camilo Castelo Branco, pesando cruelmente sôbre o país empobrecido e esfacelado, não tolhia a cultura dos espíritos, antes a equiparava à melhor que a dava em Espanha; o sensato amor da independência não carece de arvorar a calúnia como bandeira de patriotismo... Portugal entre 1580 e 1640 produziu em várias províncias da sciência, livros comprovativamente e numéricamente mais perfeitos do que produzira antes de conquistado por Castela, exceptuada a epopeia de Camões». É o período aureo da prosa portuguesa; bastam os nomes de Amador Arrais, Roiz Lobo, fr. Luís de Sousa. A história, o oráculo retumbante dos nossos feitos, promoviam-lhe os Filipes a estampa para que não cessasse o seu brado; aí estão, entre tantos testemunhos as edições oficiais das

Decadas de Diogo Couto e dos Annaes de D. João III. O português Henrique Garcés traduz os Lusíadas e oferta a versão a Filipe II, e outro português, guindado a cronista geral de Castela, Mendes da Silva, publica a *Vida y Hechos del gran condestabre de Portugal*. O tirano, que trazia atrás de si um cortejo de portugueses, desde o valido aos médicos da câmara e os aposentava nos grandes officios, ao chegar a Lisboa diz-se que perguntara por Camões de quem passa por ter vertido o célebre soneto de Jacob e Lia. Faria e Sousa faz em Madrid uma campanha altisonante em pró do «mi Poeta» e das façanhas da sua pátria. A própria musa castelhana, como observa D. Carolina Michaëlis, toma para tema poético, novelístico e dramático os fastos e as acções lusas pela pena de oiro de Cervantes, Lope de Vega, Calderon e Tirso de Molina. Onde estava então a lusofobia?!

Tão pouco o hispanismo lingüístico se filia no domínio politico sôbre o pais anexado. Sobrevém o 1.º de Dezembro, batem-se os adversários a golpes de libelos; pois os articulados do Portugal brigantino em defeza da restauração, as relações das nossas vitórias, redigem-se na língua do inimigo. O próprio D. João IV, o melomano, é no mesmo idioma que escreve a sua *Defensa de la musica moderna*.

Foi tam sômente a nossa a única literatura que recebeu o cunho da castelhana? Foram todas, e mais que nenhuma outra depois da nossa, a francesa no seu período clássico. Pois, apesar de punctilioso que é o seu chauvinismo, êsse influxo de *Trás-los-montes* a cada passo se patenteia e ilustra. O prof. Martinenche inda há pouco frizava quam profunda e continuamente essa acção se exerceu: «A literatura francesa encontrou na espanhola o fermento necessário, e em troca rendeu-lhe o inestimável serviço de a tornar conhecida da Europa». E fermento tão activo foi êle que levedou em Corneille e Molière, em Lesage e Beaumarchais. Ao raiar do romantismo os velhos autores castelhanos rejuvenescem; os corifeus da novela e do drama não mais saem da boca entusiasta dos românticos alemães, franceses e ingleses. A sua realza atávica resplende de novo, reconhecida pelos que prosseguiram e enriqueceram a obra dos pioneiros geniais. Duas pátrias tem o romântico, exclama Fritzmaurice Kelly, a sua e a Espanha.

Era omnímodo êste ascendente. No século xvi, escreve o eminente economista alemão Brentano, a cultura espanhola alcança transitòriamente o primeiro logar na vida intelectual da Europa. É o apogeu da história da Espanha; não deve admirar portanto que o mundo inteiro a tome por modelo». Imitam-se as suas normas literárias, como se imitam as suas normas militares; e a imitação desce aos usos e costumes, ao vestuário, à mesa, aos divertimentos — às luvas, aos perfumes, aos arrebiques, aos colarinhos, às cartas de jogar, às especiarias, ao chocolate — tudo à moda de Espanha.

Prestigiara-se ao infinito no mundo o nome dos hispanos com «as navegações grandes que fizeram». Aí, na prioridade e no âmbito dos descobrimentos, de que ontem tivemos a dita de ouvir a magnífica dissertação apologética de Gomes Teixeira, a ocidental praia lusitana leva a palma à castelhana. Na maior glória dos empreendimentos espanhóis entra a nossa participação directiva ou efectiva. Colombo, o descobridor da América, aprendeu nas tradições da marinharia portuguesa; e o primeiro circundador do globo em vasos castelhanos é o português Fernão de Magalhães. A arte de navegar, nos seus elementos técnicos e scientificos, foi uma preocupação constante dos nosos cosmógrafos, cartógrafos e pilotos. O académico espanhol Novo y Colson ao relatar há pouco as investigações de Joaquim Bensaúde sôbre astronomia náutica na grande época dos descobrimentos, resume-as assim: «Os conhecimentos necessários para praticar a pilotagem de altura em todos os mares do globo, existiam na nossa península e a sua aplicação, fácil e útil, foi praticada em Portugal e por portugueses». Ainda nessa empresa maravilhosa se deram as mãos os dois países germanos. Na roda infantina de Sagres entra o catalão mestre Jaime e na junta dos matemáticos de D. João II o mestre João Visinho, discípulo do judeu Abrahão Zacuto, professor de astronomia em Salamanca, autor do *Almanach Perpetuum*. O alemão Martin Behaim, apregoado como portador dos instrumentos e tábuas náuticas para ensino e uso dos portugueses, a quem se pretendia outorgar a invenção das rotas de Colombo e de Magalhães por honra do germanismo, descaiu, graças à crítica de Ravenstein e sobretudo de Joaquim

Bensaúde, que demonstra perentoriamente, em face do exemplar único de Munich, que as tábuas do *Regimento do Estrolabio* foram construídas, não sôbre as de Regiomontano, como se cuidava erradamente, mas sôbre as do *Almanach perpetuum* de Zacuto. A técnica científica da náutica nacional é uma produção autoctona, genuinamente peninsular.

Quem se metia de hombros e coração à empreza titânica de renovar o mundo, não podia quedar-se estático no mundo das ideias. Do século xv para o xvi, sob o estímulo renascentista, desenvolve-se uma febre ardente de ilustração e instrução. A sêde do saber sacia-se principalmente nas fontes universitárias, onde se recebia o sacramento baptismal dos officios letrados. E na Espanha demorava um dos mais renomados centros escolares da cristandade, Salamanca, ponta luminosa no ocidente do quadrilátero universitário da idade média com Paris. Oxford e Bolonha. Ali o mestrado geral da península, a hegemonia discente que nos avassalava a nós como a todos os hispanos. A superstição popular divinizava ou antes endiabrava a ciência salamantina, ministrada pelo diabo em pessoa nas famosas covas de Salamanca, onde o nosso feiticeiro e médico S. Fr. Gil teve artes de lograr o mestre. A malta portuguesa formava uma das oito nações em que se repartia a chusma académica, com estremelhos, biscaínhos, asturianos, castelhanos, aragoneses, andaluzes e galegos, representada pelo seu consiliário, e encorporada em confraria, de criação manuelina, sob o patrocínio da imagem bizantina de Nossa Senhora da Veiga.

Alma Universitas estremecida e glorificada pelos grandes talentos da nossa terra, Salamanca é um templo augusto para quem tenha o amor do nosso passado científico. Com emoção reverente penetramos um dia na celeberrima *capilla* de Santa Bárbara, onde o cenário das cerimónias doutorais religiosamente se conserva, e com orgulho patriótico, porque no cadeiral dos candidatos e na bancada dos mestres se sentou no transcurso de dois séculos a nobreza intelectual avoenga, desde o helenista sumo, Aires Barbosa, ao arquitra, pedagogista e pensador, Ribeiro Sanches. Dos mestres sim, porque as portas do magistério abria-as Salamanca de par em par aos nossos patrícios, e no século doirado quasi nunca deixaram

de ostentar-se portuguezes nas cátedras salmanticenses desde as artes à medicina. Em troca, de lá importou professores D. João III quando se tomou da empreza, logo malograda por asfixia de meio, de restaurar com brilho a Universidade de Coimbra.

O alfôbre de talentos e competências desabrocha com tal seiva que produzimos homens que vão celebrar-se lá por fora nos mais estremados centros de cultura. Mestres de Espanha e Portugal povoam e honram cátedras reputadas nas principais universidades francesas, flamengas, batavas, britânicas e sobretudo italianas, então no auge do renascimento scientifico e pedagógico. Extreme-se a proporção relativamente elevada dos portuguezes, que parecem agudar de engenho e apurar de excelência, quando bafejados pelo meio exótico e soltos das peias ou dos tratos da mãe-pátria, assinalada de todo o sempre pela ingratição. Quantos rebrilharam pela profundidade do seu saber ou pelo refinamento da cortezania naquela Itália deslumbrante do cinquecento. O código gentilhomesco de Baltazar Castiglione, *Il Cortegiano*, a biblia dos aristos da alta educação e cultura, é consagrado ao nosso cardeal Miguel da Silva, como homem modelar da criação italiana. Em França a dinastia dos Gouveias afama-se no ensino em Bordeus, em Montpéllier, e em Paris na direcção do Colégio de Santa Bárbara, a mais reputada escola da colina de Santa Genoveva.

À levada do humanismo abre a Hispânia âmplamente os regos. Em Itália se aprimoraram os seus corifeus junto dos mais nomeados mestres da erudição: o espanhol António Lebrixa, o grande lexicólogo, discípulo de Lourenço Valla, funda em Salamanca e Alcalá os estudos latinistas, e o portuguez Aires Barbosa, discípulo de Angelo Policiano, instaura os estudos helenistas, mestre venerado em toda a península das letras gregas, deixando, um e outro larga sucessão douta em línguas clássicas.

Na lucubração e na critica filosóficas nem por isso luziu a cerebração portuguesa. Deixamo-nos servilizar pela escolástica, de que fomos cultores estrénuos; em nenhum outro país teve o Estagirita mais prolongada e intensa idolatria. O

Pedro Hispano fôra já o praxista lógico das escolas mediévi-
cas, e quando Pedro Ramus investia em Paris contra o aris-
totelismo, quem aparece à frente dos conservantistas a re-
bater o esforço do lutador é o português António de Gouveia.
Em via de expulsão por toda a parte, o peripato veio aco-
lher-se a Portugal, onde Pero Margalho e António Luís o
agasalharam com fervor. Os célebres *Comentários do Colégio
Conimbricense* erigem o necrológio monumental da filosofia
escolástica que, raiada já a Enciclopédia, ainda em Coimbra
pompeava as suas logomaquias, papagueadas e barregadas na
suma fúria da idiotia silogística.

A Espanha emparelha connosco neste soez entrevecimento,
através do qual ressoaram vozes ousadas de protesto, cla-
mando pela emancipação filosófica e científica. Dêsses adais
do pensamento moderno, dois entalharam *in perpetuum* nome
brilhante na história mundial das ideas, ambos longe da sua
pátria: Luís Vives, o mestre de Oxford, o rival de Erasmo,
filósofo e pedagogo de tal teor, que lhe chamaram o Bacon
espanhol, autor da célebre *De causis corruptarum artium* —
obra por sinal oferecida ao nosso D. João III que brindou o
sábio com um gomil cravejado e uma mesa de ébano; e Fran-
cisco Sanches, o mestre de Tolosa, o admirável pensador do
Quod nihil scitur, libelo famoso de scepticismo metódico, a
rasgar a via de Descartes, Hume e Kant: cada vez de glória
mais rediviva, êste derrubador da escolástica e pioneiro da
grande filosofia.

Cabeças de fulguração, na pleiade dos que acenderam lume
novo no oriente ideativo, de procedência portuguesa, ressaltam
dois, ambos também êxules, ambos da nobreza intelectual da
raça hebraica: um, Judas Abarbanel, duma dinastia israelita
ilustradíssima, universalizado com o título de *Leão Hebreu*,
como autor dos *Dialoghi di amore* com que opulentou a re-
nascença italiana, apologia fervente do platonismo que tão
intenso e extenso influxo exerceu nas correntes educativas,
intelectuais e artísticas; outro, nativo desta cidade e fugidiço
em Amsterdam, Uriel da Costa, o revoltado contra o jugo das
crenças teológicas, o suicida pelos tormentos da descrença,
autor dêsse brado sublime de angústia espiritual, o *Exemplar
humanae vitae*. Mártir do livre-pensamento, antecede Espi-

nosa, filho de judeus portugueses, mente privilegiada onde se concebeu toda a metafísica moderna, fronte que se destaca pela sua amplidão na primeira fila dos maiores filósofos de todos os tempos.

Gleba escrava de espírito agrilhado, eis como de longe o comum da crítica julga a Espanha antiga — a *Espanha negra*, tornada o símbolo da tirania mental. Quanto há que descontar neste prejuízo tradicionalizado! Sob o ponto de vista literário e erudito, o filósofo italiano Bernardino Croce chamou há pouco à Espanha o país da liberdade crítica, desde Luis Vives a Feijó, dos quinhentos ao meado dos setecentos. Pelo lado político e social, não faltava razão a Castelar quando dizia que em Espanha a liberdade era velha e só o despotismo era novo. Que lições de autonomia e franquia de povos e classes se não extraem da história foraleira, comunal e parlamentar das nações ibéricas! E aos que encarvoaram acintosamente a Espanha do passado para se extasiarem perante as alvoradas da civilização fulgida do norte, que desmentido cruel não é o espectáculo tenebroso dessa Europa de hoje, convulsa, sangrada e delirada, a despenhar-se numa retrogradação de selvajaria, perante a qual a península execrada dos quinhentos figura uma estância paradisíaca, um século nobilitante da humanidade!

Cristãos, três vezes cristãos, eram todos aqui de gema e coração. Como não havia de sê-lo, crente até à obsessão mística, o povo que de cruz alçada por entre os ristes das lanças e dos montantes se recria e reconstitue, disputando palmo a palmo o solo pátrio ao crescente serraceno; que de cruz estampada no velame das caravelas devassa os mares misteriosos; que de cruz empunhada na dextra dos conquistadores se apodera dos mais vastos continentes — que havia êle de ver nesta empreza sôbre-humana, senão um milagre divino da sua fé nativa e forte? Hoje mesmo o chamado milagre do Marne não exacerbou a religiosidade da França? Só da fé intemerata fiavam os nossos antepassados os seus destinos, e daí a organização da defesa contra a heresia, entregue ao Santo Ofício, o Tribunal da fé. Abominações de fanatismo ignaro e implacável, estertores de demência repulsiva, sem

dúvida: males todavia do homem social, sempre fanatizável até à crueldade, ontem por uma religião positiva, hoje pelas religiões negativas, tanto ou mais intolerantes e perseguidoras.

A liberdade e a tolerância na esfera religiosa eram defesas, e perseguidos em terras de Espanha — os heterodoxos, que a custo chegaram a erguer o colo em Castela e sem amostras sequer em Portugal — os erasmistas, que entre nós se reduzem ao caso insulado do nobre Damião de Goes — e em abundância os fiéis do credo mosaico, os chamados homens de nação, o vituperado judeu, nervo da nossa actividade científica e económica, cuja resecção violenta foi uma das causas mais concretas do nosso abatimento. E os judeus portugueses foram e são ainda em toda a parte a nobreza e o escol da sua raça. Mas por ventura fomos sós no mundo os fautores e os exactores do anti-semitismo em particular e da intolerância em geral?! Prouvera aos deuses que assim fôsse ou tivesse sido, e que depois de nós não mais êsse labeu pesasse sôbre a humanidade civilizada. O ódio persecutório contra o israelita tem ardido em nossos dias sevamente em mais de metade da Europa, onde os *pogroms* têm trucidado mais que todos os autos da fé; e a tanto chegou, que êsse choque racial e religioso foi uma das grandes faiscas da fogueira que, acesa no extremo oriental, ameaça abraçar o velho mundo.

A liberdade, essa, o sentimento mais augusto que pode enleiar e enlevar os homens,

«el bien mayor de la espaciosa tierra»,

no dizer de Lope de Vega, volveu-se numa pavorosa ilusão, como a da velha eternidade. Liberdade de espírito, liberdade de acção, respeito e imunidade da existência e da inteligência, — onde reina êsse dom supremo?! Ninguém responderá por certo que na Europa culta que nos tem olhado de alto. Fomos outrora — curvemos o colo à acusação — um antro de fanatismo, seja; mas porque será que neste miserando século xx um furacão fanático, sedento de sangue e ávido de opressão, sopra de além dos montes e faz perigar a sociedade inteira !?

Fora da ambiência religiosa, o pensamento gozava duma liberdade relativa, às vezes estremada, no campo da filosofia, das letras, das artes e das sciências. Na sciência hispana reinou a mesma conformidade espiritual, a mesma comunhão de ideas, como se a nação pensante e actuante fôra una. Em mais ramo algum foi tão completa a hegemonia. A história da sciência peninsular está longe do acabamento atingido pela história da literatura. A síntese e a análise dessa obra scientifica em si e nas suas relações com a estranha, esperam o prosseguimento dos trabalhos parcelares cada vez mais activos e mais brilhantes na historiografia dos dois paises, de que estão presentes cultores como Carracido, Maximiano de Lemos e Gomes Teixeira. Registe-se quam poderoso foi nas individualidades de destaque e na contribuição para o successo comum o concurso português. Na matemática e suas applicações astronómicas e náuticas, ninguém dalém-fronteiras supera o génio de Pedro Nunes. Na geografia, nem margem há para enumeração dos que de tantas navegações e descobrimentos deixaram memória escrita, própria ou alheia. Na medicina, nenhum nome mais representativo da patologia, da anatomia, da matéria médica de toda a renascença do que o grande Amato Lusitano. Garcia da Orta assume a glória indisputada de crear ao mesmo par a patologia tropical com a primeira descrição do cólera e a farmacologia exótica com a diagnose dos simplices indianos. E que cortejo de nomes menos brilhantes em tórno dêstes luminares da sciência universal.

Quando, andado mais de um século de definhamento e ignorância em que estudos, sciências e letras mergulharam infundamente, queda vergonhosa sôbre a qual pesou, mais que nenhuma, a mão responsável dos educadores officiaes, quem solta o pregão, o mais sapiente e eloquente da sciência nova, o mais destruyente e percuciente da sciência revelha, é a voz de Luís de Verney, clarim de guerra que ressoa victorioso, primeiro em Portugal e depois em Espanha, tão possante como a trombeta bíblica no derruir das Jericós universitárias de Salamanca e Coimbra. O ressurgimento pedagógico da península, as reformas lá e cá riscadas pelos sábios e regradas pelos estadistas que nos fizeram retomar o contacto rompido com o movimento europeu, consubstanciam-se

na obra dêste grande homem, superior não só no seu país como ao seu tempo, na profusão do saber enciclopédico e no quilate do espírito crítico, libérrimo e rebelde. *O Verdadeiro Methodo de Estudar* do Verney é ainda hoje uma lição de metodologia e pedagogia.

Toda esta produção nos seus modos e fases se desentranhou, sob influências complexas internas e externas, do fundo psíquico do *demos* hispânico. A psicologia do povo espanhol tem sido esquadrinhada por investigadores e filósofos de cunho; a do povo português tem sido menos versada como estudo sistemático, entregue ora à louvaminhice, e tantas vezes à baixa lisonja destinada a embriagar as massas, ora à dicacidade desdenhosa, espirrada dum pessimismo de desespero.

Pesadas as virtudes e os vícios na balança da justiça psicomoral, dum a outro povo, não creio que variem muito as oscilações do fiel. Divisam-se aproximadamente as mesmas excelências e os mesmos defeitos de carácter, e como estigma dominante, a falta de medida, as demasias que tantas vezes lhes trocam as qualidades, chegando as boas a prejudicarem-se por excesso e as más a beneficiarem-se em virtudes. Dêsse exame etológico de consciência ressaí uma tristíssima culpa, comum às duas nações, desde tempos imemoriais, mantida até ao presente como um aleijão constitucional. Quem o não confessará? É o pecado mortal da *inveja*, e bem mortal, porque, como afirma o ditado — nunca o invejoso medrou nem quem ao pé dêle morou. Pecado maligno sem absolvição possível nem emenda provável. Terra inclemente para as superioridades, terra ingrata para as benemerências, é inimiga dos próprios filhos; caem-lhe no regaço os eleitos da criação natural, mas a madrasta, em vez de os bafejar, tolhe-os e enjeita-os. Saúda alto e malo o forasteiro com reverência e entusiasmo, não faz caso ou bate na melhor prole de casa. Os homens fazem-se, e mal vai ao país onde maus sentimentos se conjuram para os desfazer ou contrafazer, descultivando o verdadeiro mérito e levantando o falso. Se se pudesse arrançar de raiz tão nefando sentimento atávico ou pelo menos atenuá-lo consideravelmente, de per si só a extracção dêste ver-

dadeiro cancro infectante nos remediaria cinquénta por cento dos nossos males.

Nesta eto-psicologia comparada seria curioso destrinçar as cincadilhas peculiares de cada um, tais quais se colhem do conceito recíproco que um povo forma do outro. Como acontece entre próximos, cada um apoda o outro de baldas certas; afinal tudo se reduz ao caso do tacho dizer à certã tira-te para lá não me enfarrusques, e de quem tem telhado de vidro não atire pedras ao do vizinho. Os espanhóis ridicularizaram as *portuguesadas* e os portugueses as *espanholadas*. *Cosas de España* valem o mesmo que *coisas nossas*. Cá e lá se jogaram diatribes e chascos agudos; uma literatura doutroira, chocarreira, grosseira e mesmo coprolálica, que Menéndez y Pelayo julga ter concorrido para entrovistar e azedar as relações dos dois países. Há talvez exagêro neste asserto, e digo assim, porque, se é certo que dos portugueses se mofava em Castela pelas suas fanfarronadas, descaídas e misérias no que convém até o nosso Tomé Pinheiro da Veiga, nada macio para os seus patrícios na crónica da cõrte de Valladolid — se por lá éramos alcunhados com o epíteto extravagante de *sevosos*, a verdade é também que os nossos nacionais gosavam dum acolhimento excepcional em toda a Espanha.

Dizem-no as situações numerosas e elevadas que ocupavam nas artes, nas sciências, nas letras, nas escolas, nas secretarias e nos palácios, a evidenciarem a estima do talento e do carácter dos adventícios. O superfino espírito dum pensador, Baltasar Gracian, oráculo do pessimismo moderno, exalta a cada passo os portugueses que *tienen pimienta en el ingenio* — e dos quais diz que *jamás se halló portugués necio*.

As mais brilhantes posições no meio palaciano desempenharam-nas com galhardia cortezanesca, com altivez de porte, lealdade de carácter e requintes de ânimo. O português duque de Albuquerque, rebelado contra a loucura criminal de Pedro o Cru de Castela, como viesse a morrer no decorrer da revolta travada, deixa como última determinação que dentro do caixão assistisse em corpo às conferências dos membros da conjura, — derradeira vontade do chefe, que foi macabramente cumprida, presidindo um cadáver aos conselhos de guerra. O conde da Sortelha era de tal maneira amado de

Carlos V, que D. João III se tomou de ciúmes que o apearam da sua graça. O embaixador D. Diogo de Almeida não se teve que no cerco de Granada, onde se encontrava com os reis católicos, não envergasse a armadura e se não atirasse aos moiros com o denodo do grande capitão. No paço do Filipe, Rui Gomes da Silva é o mestre consagrado da arte cortezã e Cristóvão de Moura o valido tão franco que não teme dizer verdades ao soberano e tão fiel que não se aparta do catre do Escorial onde fermenta em vida o monarca do orbe, coberto de podridão e vermes. Bárbara de Bragança, a filha de D. João V, põe na câmara régia o realce dum coração recto e dum alma esclarecida, — uma pausa na degradação da monarquia castelhana.

Quem percorra de olhar atento ao nome luso os logares nobres e antigos de Castela, ou virar as páginas da sua história, encontrará os sinais de quanto a habitou e perfumou a alma portuguesa.

MEUS SENHORES:

A restauração desejada da intercultura antiga depende, como primo-movente, da solidariedade dos homens que lavram letras e sciências. O estreitamento das relações entre êles, tanto individualidades de toda a ordem, como colectividades — universidades, escolas, academias, associações — assegurará e fará progredir a confraternidade hispânica em pensamento e acção. «Tenho fé, muita fé, dizia com vigor o prof. Gomes Teixeira no congresso de Sevilha, em que êste estreitamento de relações há de realizar-se e contribuir poderosamente para o progresso scientifico da península». E essa fé foi ontem avigorada na eloquente manifestação da nossa sessão inaugural, selada no abraço efusivo de Gomes Teixeira e Carracido. O inter-câmbio académico, o inter-câmbio universitário, o inter-câmbio dos congressos bi-nacionais, promoverão a conjunção incessante das mentalidades.

Esta relação necessita, porém, de exteriorizar-se e interiorizar-se por instituições de mais profundo alcance. O nobre Presidente da República prégara ontem quanto importa que êsses sentimentos de ligação se cheguem a converter em

realidades; pois bem, basta para o nosso propósito mudanças na orientação e na gerência pedagógicas, de fácil obtenção, livres em si de câmbios políticos ou económicos, sempre irriçados de peias. Desde o banco das escolas que importa cunhar no espírito dos alunos que somos parte dum todo. Ao ensinar-lhes a geografia, a história, a literatura, logo nos cursos secundários, faça-se a integração hispânica. Ponha-se ponto no vicioso sistema de scindir o solo e o clima, de apartar o passado, de separar as letras, numa unilateralidade onde, sob a aparência dum acto estrictamente nacional, se esconde uma falsidade contra a natureza e contra a história, e um êrro anti-pedagógico e anti-scientífico. Êste ilogismo talvez domine mais em Portugal que na Espanha; não há mais que olhar para os mapas do chamado continente português que tantas vezes recortam o perímetro da raia terrestre como se se tratasse duma ilha. É um laivo triste e significativo.

Inculque-se aos discípulos o amor do passado e o culto piedoso da pátria tradicional, tal como nos países italianos, germanos, escandinavos e outros, que na chama crescente dêsse sentimento se depuraram e acrisolaram. Eduquem-se a rigor e a primor no seio da língua materna; Portugal tem neste ponto que bater nos peitos, repêso e vexado, diante de qualquer país, a começar pela Espanha onde impera o respeito do castelhano. Não há nação alguma no mundo onde se tenha perpetrado com maior grosseria a vandalização da própria língua, aliás tão formosa e rica. Há que confessar com mágua que é uma vergonha pública, sem que ao menos se note para a minorar, por parte dos que deviam manter êsse património, propósito ostensivo de emenda.

Nas faculdades de letras faça-se a consagração catedrática das duas literaturas e das duas histórias. Nas nossas, desgraçadamente, cava-se essa deplorável lacuna; não conheço nenhuma mais censurável na nossa instrução superior. Siga-se o exemplo esclarecido de V. Ex.^a, Senhor Presidente, que antes de vir a êste Congresso, criou uma cadeira de língua e literatura portuguesa na Universidade de Cuenca. Qual é a Universidade digna dêste nome por êsse mundo fora, onde não sejam professadas independentemente as letras castelhanas? Quando o não fôssem em parte alguma, deviam

sê-lo em Portugal. Nos outros ramos universitários essas ligações naturais sejam sempre presentes, no estudo da geologia, e da paleontologia, da fauna e da flora, da antropologia e da pre-história, da geografia médica e da epidemiologia, da arqueologia e da etnografia, das instituições sociais e políticas, etc.

Estas reformas, fáceis de introduzir na didáctica oficial, têm de completar-se pela criação, em cada país, dum colégio ou escola superior de *hispanologia*, inteiramente bi-nacional, com professores e discípulos daquém e dalém — centros do ensino e da investigação de tudo quanto interesse à literatura e à ciência dos povos ibéricos, em si e nas suas aplicações ao progresso peninsular em todos os seus modos. Devidos meios seriam postos à disposição dos trabalhadores e mestres, desde as bibliotecas aos laboratórios. Dali irradiaria para o estrangeiro a notícia dos nossos trabalhos, integrando-nos no movimento universal, e fazendo avultar a nossa contribuição ao tesouro geral da ciência. Desta cooperação central partilhariam os países sul-americanos, honra e glória da colonização luso-castelhana; e a ela se aliariam os mestres e cultores que ao hispanismo consagram denodadamente talento e erudição na França, na Alemanha, na Inglaterra, na Itália e nos Estados-Unidos. Um rincão regional pediria pelas suas afinidades com Portugal um lugar particular — é a Galiza, a ilharga do qual brotou a nossa nacionalidade e o nosso idioma com uma literatura primitiva comum.

Estes centros de pesquisa, estudo e difusão teriam ainda por contribuição relevante a protecção das obras de arte e dos monumentos históricos, e a própria protecção dos artistas e dos intelectuais, cada vez mais sufocados pela onda mercantil e manual. Ouça-se o brado de salvação ontem proferido pela bôca autorizada do reitor da minha Universidade de Lisboa, Pedro José da Cunha.

A aliança espiritual far-se-ia em todos os domínios possíveis. Agora mesmo, no da higiene, acaba de se estabelecer um comércio íntimo, promovido e pautado pelos sanitaristas dos dois governos — um exemplo a seguir para os outros ramos de actividade pública.

Apreste-se o advento dêsse dia de luz, de que vemos apenas

inda o incerto dealbar da madrugada. Consume-se a reunião por novos laços destes irmãos siamezes, em quem fatalidades históricas praticaram um espécie de discisão cirúrgica; temos vivido costas com costas, quasi sem nos encararmos olhos por olhos, sem nos falarmos boca por boca. Os intellectuais mesmo na esfera da sciência e da erudição, mal se comunicam e nem sabem às vezes uns dos outros. A grande mestra D. Carolina Michaëlis — a quem o seu émulo espanhol chamava «la hada benefica» que da Alemanha veiu ao Pôrto gloriar as letras peninsulares, e esta manhã Elias Tormo intitulara a primás das Espanhas, que tem professado entre nós o castelhanismo racional e scientifico e concorrido poderosamente para a união literária dos dois países, aos quais tem prestado o alto serviço da vulgarização no estrangeiro, graças à sua infatigável actividade e renome mundial, escrevia há tempo: «Tenho notado com pesar a insuficiência de relações entre eruditos portuguezes e espanhóis». E não sei se esta pecha talvez caia um pouco mais sôbre os nossos vizinhos.

Irmãos do mesmo rincão de terra, irmãos do mesmo sangue, irmãos da mesma cepa lingual, irmãos das mesmas glórias, irmãos das mesmas vicissitudes, irmãos das mesmas virtudes, dos mesmos vícios e das mesmas desgraças, donde vem êste tremendo apartamento?!

Um dia, depois de termos rasgado uma nova idade à humanidade e enchido o mundo com o brado dos nossos feitos, quedamo-nos em modorra na caverna dos sete dormentes, de olhos cerrados ao espírito moderno. Ao despertar demos tento da ridiculês e miséria do nosso estado mental e social, e lançamo-nos estremunhados na piúgada do progresso cosmopolita. Nesta fuga a reparar o perdido nos desgarramos uns dos outros, irremediadamente, atégora. A luz que nos alumiaava, deixara de ser a candeia bruxuleante dos lares meridionais, era um novo sol resplendente que nos incandeava de além da cumiada dos Pirineus. Entramos ambos de envergonhar-nos, perante a Europa ilustrada, do nosso presente depressivo e do culposo passado que o gerara por entre grandezas julgadas agora vãs e falsas. Lá por fora circulava uma corrente animadversa à tradição e manifestação do génio hispano — mal-dizia-se a região donde, como duma boceta de Pandora, se

desentranharam o gongorismo, o filipismo, o fanatismo, a inquisição, o jesuitismo. E este horror acabou por se apegar e apoderar de nós mesmos, num arrenego desesperado, numa iconoclasia dos ídolos tradicionais, num cego parricídio colectivo.

Ao operar-se a disjunção entre a nova e a velha nacionalidade aborrecida, o élo das duas nações peninsulares dessoldou-se; agora sim, é que se consumava a separação e com ressentimentos recíprocos. A Espanha julga, e mal, que a sua declinação veio em muito de nos termos excisado por autotomia do corpo ibérico, queixando-se do nosso irrequiesto amor de independência que enfraquecera para sempre os povos peninsulares. Portugal, na maior ignorância histórica, atribue todos os seus danos à intrusão política de Espanha, aos sessenta anos do chamado cativo, e em geral ao contágio das instituições e das paixões da Espanha vassala da casa de Áustria; tem vivido, não é lícito escondê-lo, na desconfiança, de olhar revirado para o vizinho, em quem supõe veleidades de absorção. Considerou-se que demais tinham tido que ver as duas nações uma com a outra, demais se tinham jungido; o caminho era só um, o de trilharem soltas a esteira deixada pelas grandes nações, de que nos tínhamos deploravelmente distanciado. E eis aí as causas, essenciais e últimas, do que pode chamar-se a *secessão luso-espanhola*, operada no decurso do século XVIII — uma *xenofilia* absorvente, exclusivista, abdicada de todo o nacionalismo, inimiga de toda a tradição — uma *hispanofobia* desaustinada, dementada, com toda a farragem de erros crassos e falsidades tendenciosas, que à flux têm conspurcado o conceito histórico da Hispania ancestral, blasfemada pelos estrangeiros e pelos seus próprios filhos.

Êsse vínculo, que se partiu aos empuxões desordenados duma violenta crise psico-social, poderá ser novamente caldeado? Porque não há de emendar-se uma evolução divergente de mais dum século? Porque é que a península não há de passar duma mera expressão geográfica, e tornar-se a expressão duma comunhão espiritual? Porque é que a contigüidade telúrica e a homogeneidade démica não há de servir de substratum à fraternidade das inteligências?

Tenho esta tendência amplexiva como uma imposição inata de todo o espírito, como um imperativo categórico de consciência interna e externa para todo o homem que se prese de ter nascido sob o signo do céu peninsular. É essa tendência iniludível tolhida por prejuízos? Pois ataquem-se desassombadamente êsses preconceitos nefastos. Restabeleça-se a verdade dos factos ao contraste da recta crítica histórica, desinfestada de paixões mesquinhas. Mostre-se a todas as luzes o que foi, o que valeu, o que produziu a firma bi-nacional no campo das letras e da ilustração, qual a sua participação brilhante na genese da literatura e da sciência universal. Mostre-se que podemos constituir um novo foco de ilustração difusiva, activando e disciplinando a nossa produção.

Quem tenha de enveredar nesse caminho, arrede das bordas as silvas que o espinham — verdadeiros estrepes onde se arrisca a lacerar o pé temerário. É o dardo da política, o mais hervado, mas o mais recalcável por quem nem mesmo calcanhar tenha onde êle possa ferir e inocular peçonha. Diremos como Altamira, a propósito de intransigências regionalistas — falo scientificamente, não falo politicamente.

Se por um momento suspeitasse sequer que as minhas palavras poderiam ser tomadas, por alguém que me ouça ou me venha a ler, como incentivo à realização do sonho que há séculos tem escandecido tanta cabeça cá e lá — o sonho da unidade absoluta do poder soberano que, ora se quiz chocar nos tálamos dinásticos, ora vingar à fôrça de lançadas e de tanto sangue derramado desde Aljubarrota ao Ameixial, sonho tão quimérico e por isso sempre desvanecido — se tal perigo corressem estas inocentes frases, teria cerrado os lábios a sete chaves. Mas se aloquete houvesse, ontem o Presidente da República despedaçou-o na sua alocução. Tal não há nem pode haver, porque me julgo seguro de que semelhante escabrosidade me não ter arripiado o caminho, que procura desfilhar-se na linha recta e austera do sulco aberto na leiva da cultura pêlo pensamento humano, balizado tão sómente pela verdade e pela razão, sem outro sentimento possessivo que não seja o ascendente moral de duas nações parelhas, que o tempo e os fados depreciaram.

Ajudemo-nos uns aos outros a ressair e a sobressair de novo

da subalternidade em que caímos. A civilização ibérica, marca-a Oliveira Martins de «original e nobre»; «cremos numa vinda «Hispania» mais nobre e mais ilustre ainda que a do século XVI». Sirva-nos de lema e de programa a divisa: *Ex praeterito spes in futurum*. Esforce-nos o ânimo essa crença redentora; congreguem-se os que professam essa fé para o revigor da nossa cerebralidade colectiva; e das enseadas da Biscaia ao promontório de Sagres, do cabo de Finisterra às Colunas de Hércules, dos Herminios aos Pireneus, corra esta voz de cruzada: Trabalhadores espirituais de todas as Espanhas, unide-vos e aconchegai as cabeças, se quereis romper o negrume que vos esconde e exconjurar o perigo que vos ameaça!

RELACIONES ESPIRITUALES DE ESPAÑA Y PORTUGAL

CONFERÊNCIA

POR

D. JOSÉ R. CARRACIDO

REITOR DA UNIVERSIDADE DE MADRID

En un Congreso celebrado para el adelantamiento de las Ciencias debe esperarse de los que en sus tareas colaboren la aportación de disertaciones sobre temas científicos, y no diluidas en vagas generalidades, sino con la intensidad substancial del especialista que sólo habla de lo que domina por su labor constante.

Acatando este criterio, siempre elegí em Congresos anteriores, para mis conferencias, asuntos químicos, y aún más especialmente bioquímicos, y de perseverar en tan razonable conducta, en el mismo género de asuntos debía haber elegido el de la actual disertación, obligado, además, por el recuerdo, siempre vivo en mi memoria, no obstante los veinte años transcurridos, de haber ocupado en este mismo edificio una cátedra de la prestigiosa Escuela de Medicina para disertar sobre «Mecanismos fisicoquímicos de la nutrición celular». Este compromiso con lo pasado lo acrecienta el precedente de haberme enaltecido las Sociedades doctísimas de esta nación generosa al inscribir mi nombre, refiriéndose a la especialidad de mis estudios, entre los de los miembros correspondientes del Instituto de Coimbra, primero, y de la Academia de Ciencias de Lisboa, después.

¿Por qué abandono ahora el buen camino, tomando otro para mi peligroso, por no ser el frecuentemente transitado?

Respondiendo al impulso de mis sentimientos, no puedo limitar mis anhelos a los de un congresista que viene movido sólo por el interés del saber, considerando el Congreso ocasión provechosa para el cambio de ideas científicas. Antiguos y muy arraigados afectos subyugan mi espíritu evocando multitud de recuerdos, renovando hondas impresiones de fraternidad espiritual que, con el poder de una tiranía invencible, me arrastran, sin calcular las proporciones del riesgo, a territorios más literarios que científicos, donde pueda verter libremente los nobles, los levantados y cariñosos sentimientos que brotaron al unísono, en la natural reciprocidad de sus vidas, de las almas de las dos naciones peninsulares.

Yo soy vuestro huésped de otros años que admiró las bellezas naturales y artísticas de la tierra lusitana, desde el Miño hasta el Tajo, visitando en Coimbra, después de su gloriosa Universidad, el sepulcro del fundador de la Monarquía portuguesa en la histórica iglesia de Santa Cruz, y en Paços de Souza el mausoleo del leal servidor de Alfonso Enríquez, Egas Monis, cuya efigie, esculpida por un artista de corazón, lo representa con la cuerda atada al cuello, simbolizando la fidelidad. Contemplé en Braga el monumento de vuestra primacía religiosa; pero también fui a la humilde villa de San Pedro de Rates, buscando en su templo románico la cuna de la hagiografía portuguesa. Admiré las maravillas del arte ojival y del manuelino en el espléndido monumento de la Batalla, y siguiendo por Aljubarrota llegué al suntuoso monasterio de Alcobaça, tesoro de variadas magnificencias artísticas y archivo escultórico de los episodios de la tragédia perpetrada, según la leyenda, en la *Quinta das Lágrimas*. Extasiado ante la primorosa grandeza de la maravilla arquitectónica de Belém, sugeridora en la mente de quien la contempla de las magnas empresas de vuestros argonautas, recordé mi paso por Marinha grande, y la Escuela de Sagres, donde se formaron los intrépidos exploradores de los *mares nunca d'antes navegados*. Y a todas estas impresiones generadoras de mi admiración a Portugal, debo añadir las de amistad y gratitud con eminentes personalidades universitarias, políticas y literarias, que me han distinguido con atenciones nunca por mí olvidadas, y también el recuerdo de delicadezas

de la cultura popular que mostraban las nobles y bondadosas condiciones del alma portuguesa.

Un ilustre orador parlamentario español dijo al expresar su júbilo por un fausto suceso: «Hoy no es día de pensar, hoy es día de sentir»; y dominado por igual estado de ánimo olvido mis estudios científicos, y obedeciendo la voz imperiosa de mis sentimientos sólo ansío recrear el espíritu en la exposición de la cordial amistad de nuestras dos naciones, presentando valiosísimos testimonios del interés con que España ha seguido en todos los tiempos la vida de Portugal, siendo partícipe de sus alegrías y de sus tristezas, y glorificando con las magnificencias de la poesía todos los hechos de mayor realce de su historia, como si en una patria común se hubiesen producido.

*
* *

Los dos pueblos, en su respectivo desarrollo histórico, reciben mutuamente influjos en tal proporción, que en el curso de los sucesos es muy difícil señalar el momento originario de las empresas por ambos acometidas, aun aisladamente; indeterminación que se patentiza en cuantas ocasiones se someten a juicio, de buena fe y con ánimo sereno, procesos de prioridad. La sentencia, en tales juicios, suele convertirse en un cambio de cortesías con que se halagan los eruditos investidos de representación nacional, al ofrendar generosamente al pueblo hermano la prioridad investigada, y de estas concesiones es testimonio de extraordinario valor el presentado por el grandilocuente historiógrafo portugués Oliveira Martins en el Ateneo de Madrid.

Preparábase España a celebrar el descubrimiento de América en la fecha de su cuarto centenario, a la manera que la Iglesia católica enfervoriza el espíritu de los fieles, anunciando las solemnidades del año eclesiástico con instrutivos predicaciones, y aquella preparación espiritual se creyó que necesariamente debía ser iniciada con una conferencia sobre «Navegaciones y descubrimientos de los portugueses anteriores al viaje de Colón». El 24 de febrero del año de 1892, con la asistencia de Cánovas del Castillo, presidente del Gobierno y

del Ateneo, y del conde de Casal Ribeiro, embajador de Portugal, disertó sobre el expresado tema Oliveira Martins, declarando en su disertación que «nadie hoy se atreve a suponer que, hechos tan considerables como fueron las navegaciones portuguesas de los siglos xiv y xv, pudiesen brotar abruptamente de los planes y del genio de un hombre, aunque ese hombre fuese, como fué, grandemente heroico, el infante don Enrique.

«El primer momento, la *primera simiente*, la vemos cuando, reconquistada Galicia, y con ella Oporto, el obispo de Compostela, Diego Gelmírez, inicia la organización de fuerzas navales que resistam a la piratería de los moros, asoladora en toda la costa, desde Sevilla hasta Coimbra...

«Dos siglos después, el rey de Portugal (D. Dinis) repetía lo que hiciera el obispo de Compostela, Gelmírez».

España pide a la patria de los grandes navegantes precolumbinos la narración de las hazañosas empresas de los precursores del descubrimiento de América, y el narrador nos dice que la *primera simiente* germinó en tierra española y no portuguesa; y remontando el curso de los siglos, es posible que siguieran las transferencias en la adjudicación de la prioridad, demostrando las concesiones recíprocas el continuo enlace de la vida de los dos pueblos en la sucesión progresiva de su historia.

Cuando se habla del apartamiento de España y Portugal señalase siempre, como obstáculo infranqueable para su comunicación sin recelos, la batalla de Aljubarrota. Esta, iniciada como episodio de una guerra civil, alcanzó en su consumación las proporciones de lucha internacional, creando una frontera política donde no se alzaban límites naturales, y con ella los antagonismos derivados del poder que emana de la fuerza. Vivos aún los que habían tomado parte en esta contienda, realiza Portugal la expedición a Tánger con tan desastroso término, que deja en cautiverio al infante D. Fernando, y los combatientes, en su huida, arriban hambrientos y desnudos a playas andaluzas, donde son tan amorosamente recogidos que el rey D. Duarte, hijo del vencedor en Aljubarrota, envía cartas a Sevilla y a otras ciudades españolas expresando su gratitud por la generosa hospitalidad dispensada a sus súbditos.

No produjo rencores duraderos en el corazón de los vencidos la derrota de las armas castellanas, y sobreponiéndose a lo molesto del recuerdo, no sólo el sentimiento cristiano de la caridad, sino también el afectivo del coterráneo, se manifiesta sin reservas ante el infortunio de los que en espíritu eran estimados por quienes los acogían como ciudadanos de su propia patria. Y no se atribuya este magnánimo proceder a la débil consciencia del sentimiento nacional en el siglo xiv, porque en el siglo xvii preséntase otro hecho que, sin réplica posible, corrobora la generosidad agradecida por D. Duarte.

En el año 1640, meses antes de la separación de Portugal de la Monarquía española, publicó en Madrid, y en castellano, el escritor portugués Rodrigo Mendes da Silva el libro, hoy rarísimo, titulado *Vida y hechos heroicos del gran Condestable D. Nuño Alvarez Pereyra*, del cual hace una reseña Sánchez Moguel en sus *Reparaciones históricas*. Para enaltecer la memoria del gran caudillo de la jornada de Aljubarrota, puso el autor al fin de su obra una corona poética, compuesta de veintidós poesías: una, italiana; cinco, portuguesas, y diez y seis!, castellanas, firmadas éstas por poetas tales como Tirso de Molina, Calderón de la Barca, Vélez de Guevara, Solís, Rojas, Moreto y otros ingenios españoles de primera magnitud. Son todas epitafios para el sepulcro del héroe representativo de la nacionalidad lusitana, y la primera, que es la de Tirso, empieza diciendo:

Mármoles, eternizad
el prodigio que escondéis,
con cuyo ejemplar admiréis
al valor y a la piedad.

Como muestra del tono laudatorio de toda la composición, basta el fragmento transcrito, y de igual manera es apologético el siguiente, de la de Calderón:

Nuño Alvarez Pereyra, de quien fueron
tantos hechos que al aire embarazaron,
de quien tantas conquistas se dijeron,
de quien tantos monarcas descendieron
y de quien tantas casas se ilustraron,
yace aquí; y tanto le es la piedra leve,
que admiración, no llanto, se le debe.

La de Vélez de Guevara no es inferior a las anteriores en la alabanza al decir

que fué portugués prodigio
de victorias y proezas
en Portugal y en Castilla
y en las alarbes fronteras,
generoso descendiente
de Pelayo, cuyas mismas
hazañas imitó, tanto
que escureció las ajenas.

Nunca el recuerdo del Aljubarrota fué parte para que los españoles se mostraran rencorosos, ni siquiera indiferentes, con Portugal. En el último tercio del siglo xvi cae sobre Lusitania el día luctuoso, anunciado por lúgubres presagios, de la muerte y desaparición del rey don Sebastián en la batalla de Alcazarquivir, y no obstante la probable consecuencia política de la anexión de su reino a la Corona de España, y de los juicios poco benévolos de algunos de sus súbditos, ásperos censores de la temeraria aventura del Monarca, España, cordialísimamente, se asoció al duelo de la nación vecina, y el príncipe de sus poetas líricos, Fernando de Herrera, cantó el infausto suceso con *voz de dolor y canto de gemido*, y Vélez de Guevara compuso un drama, dándole por título el nombre del Rey desaparecido, en el cual hace resaltar, sin atenuantes, su caballerosidad y heroísmo en todas las escenas, de las cuales, es muestra la siguiente, habida entre el duque de Avero y el Rey:

AVERO. Casi toda la nobleza
 ha muerto ya peleando:
 escape del moro bando,
 Señor, tu real cabeza.
 Los más faltan, aunque están
 mesclando sangre cristiana
 con la bárbara africana.
 Dame esos brazos, que quiero,
 Señor, subirte a caballo.

D. SEBASTIÁN. ¡Adonde muere el vasallo
 muere el Rey, duque de Avero!